

Instituto Universitário da Maia - ISMAI

Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento



A perceção de aceitação-rejeição parental associada ao uso problemático das tecnologias, à sensibilidade à rejeição baseada na aparência e ao sentimento de solidão

Ana Rita Gonçalves Pontes, n.º 30367

Dissertação de Mestrado em  
Psicologia Escolar e da Educação

Orientação:

Professor Doutor Francisco Machado

Professora Doutora Carla Peixoto e Melo de Carvalho

Outubro de 2020 



**A percepção de aceitação-rejeição parental associada ao uso problemático das tecnologias, à sensibilidade à rejeição baseada na aparência e ao sentimento de solidão**

Ana Rita Gonçalves Pontes, n.º 30367

Instituto Universitário da Maia

Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação

Professor Doutor Francisco Machado e Professora Doutora Carla Peixoto e Melo de Carvalho

12 de Outubro de 2020

### **Agradecimentos**

Na fase final do meu percurso académico, enquanto mestranda em Psicologia Escolar e da Educação, importa agradecer a todos/as aqueles/as que se cruzaram no meu caminho e que o tornaram melhor.

Agradeço ao Professor Doutor Francisco Machado, meu orientador de dissertação, e à Professora Doutora Carla Peixoto e Melo de Carvalho, co-orientadora, por todo o carinho, todo o apoio, todas as aprendizagens e por serem uma inspiração nesta área que me é tão especial.

Agradeço aos meus amigos e amigas do básico/secundário, que foram acompanhando esta longa jornada dando todo o seu apoio, motivando e tornando este percurso mais leve.

Agradeço aos amigos e amigas que o ISMAI me deu pelos sorrisos, pelos almoços, pelos jantares, por me fazerem sentir em casa nas suas casas e por todos os momentos que me animaram.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe, pai e avó, pois sem eles seria impossível alcançar este grau de Mestre.

Agradeço ao Diogo pelo amor, tranquilidade, alegria e motivação que me transmitiu em todos estes anos.

Por fim, dedico esta conquista à minha Mãe, uma guerreira que me mostra o quão bom é viver todos os dias e que me prova que tudo aquilo que nos dá luta, será sempre o que nos fará sentir mais realizados.

### Resumo

O presente estudo teve como objetivo compreender de que forma a percepção de rejeição parental se relaciona com a utilização da internet, com os níveis de sensibilidade à rejeição baseada na aparência (SRA) e o seu impacto no sentimento de solidão, em 245 adolescentes e jovens adultos portugueses (77,6% do sexo feminino). Com vista à concretização dos objetivos, a recolha de dados realizou-se *online*, através da aplicação da Appearance-based Rejection Sensitivity Scale (ARS Scale) (Park, 2007), do Questionário sobre o uso problemático da internet (PIUQ) (Demetrovics, Szeredi & Rózsa, 2008), da Escala de solidão (UCLA) (Russel, Peplau e Cutrona, 1980; adaptação portuguesa por Neto, 1989) e do Questionário de Aceitação-Rejeição Parental: Pai/ Mãe (PARQ), Versão Curta (Rohner, 2004). Os resultados mostram que a percepção de rejeição parental se constituiu um preditor do uso problemático da tecnologia, de níveis elevados de SRA e do sentimento de solidão. Assim, quando os jovens percecionam as figuras parentais como rejeitantes, apresentam uma maior probabilidade de usar de forma problemática a internet, terem uma percepção negativa da sua aparência física e sentirem-se isolados dos contextos sociais em que se inserem.

*Palavras-chave:* aceitação-rejeição parental, tecnologias, sensibilidade à rejeição baseada na aparência, solidão

### **Abstract**

The present study aimed to understand how the perception of parental rejection is related to the use of internet, with the levels of appearance based rejection sensitivity (ARS) and its impact on the feeling of loneliness in 245 Portuguese adolescents/young adults (77,6% female). Data collection was carried out online using the measures Appearance-based Rejection Sensitivity Scale (ARS Scale) (Park, 2007), the Problematic Internet Use Questionnaire (Demetrovics, Szeredi & Rózsa, 2008), Portuguese version of UCLA Loneliness Scale (Russel, Peplau e Cutrona, 1980; Portuguese adaptation by Neto, 1989) and Portuguese translations of the short versions Adult Parental Acceptance-Rejection Questionnaire: Father/ Mother (Rohner, 2004). The results showed that the perception of parental rejection is a predictor for abusive use of internet, highest levels of ARS and the feeling of loneliness. Thus, when young people perceive parental figures as rejecting, they are more likely to misuse the internet, have a negative perception of their physical appearance and feel isolated from their social contexts.

*Keywords:* parental acceptance and rejection, technology, appearance based rejection sensitivity, loneliness

## Índice

Introdução .....	1
CAPÍTULO I: Enquadramento teórico-empírico.....	3
1.1. Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal (IPARTheory, Rohner, 2004).....	3
1.1.1. <i>As subteorias da Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal</i> .....	7
1.1.2. <i>Estudos empíricos realizados sobre a Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal</i> .....	10
1.1.3. <i>Sensibilidade à rejeição (SR)</i> .....	13
1.1.4. <i>Sensibilidade à rejeição baseada na aparência (SRA)</i> .....	17
1.2. Ajustamento psicológico associado à perceção de aceitação-rejeição parental e sensibilidade à rejeição baseada na aparência.....	19
1.2.1. <i>O uso problemático das tecnologias em jovens adolescentes/adultos e consequências para o ajustamento psicológico</i> .....	22
1.2.2. <i>Isolamento social e Solidão</i> .....	26
CAPÍTULO II. Apresentação do estudo-empírico.....	30
2.1. Objetivos .....	30
2.2. Problemas e Hipóteses de Investigação .....	31
2.3. Desenho de Investigação .....	34
2.4. Amostra .....	34
2.5. Instrumentos .....	36
2.5.1. <i>Questionário Sociodemográfico</i> .....	36
2.5.2. <i>Appearance-based Rejection Sensitivity Scale (ARS Scale) 10-scenario version (Park, 2007)</i> .....	36
2.5.3. <i>Problematic Internet Use Questionnaire – PIUQ (Demetrovics, Szeredi &amp; Rózsa, 2008)</i> .....	37

2.5.4. Escala de solidão da UCLA (Russel, Peplau & Cutrona, 1980; Adaptação da Versão Portuguesa de Neto, 1989).....	38
2.5.5. Questionário de aceitação-rejeição parental: Pai/ Mãe (Versão Curta) (Rohner, 2004) .....	38
2.6. Procedimentos .....	39
CAPÍTULO III. Apresentação e discussão de resultados.....	40
3.1. Resultados .....	40
3.2. Discussão dos resultados.....	51
3.3. Considerações finais .....	54
Referências.....	56

**Lista de Figuras**

**Figura 1.** Dimensão carinho nas relações interpessoais (adaptado e traduzido de Rohner, 2019)

**Lista de Tabelas**

**Tabela 1.** Caracterização sociodemográfica e caracterização do uso da internet dos participantes

**Tabela 2.** Análises descritivas das variáveis em estudo

**Tabela 3.** Correlação entre a percepção de rejeição paterna e o uso problemático da internet

**Tabela 4.** Correlação entre a percepção de rejeição materna e o uso problemático da internet

**Tabela 5.** Correlação entre a percepção de rejeição parental e a SRA

**Tabela 6.** Correlação entre a percepção de rejeição parental e o sentimento de solidão

**Tabela 7.** Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição parental (variáveis independentes) e o uso problemático da internet (variável dependente)

**Tabela 8.** Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição paterna (variáveis independentes) e as subescalas do uso problemático da internet (variáveis dependentes)

**Tabela 9.** Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição materna (variáveis independentes) e as subescalas do uso problemático da internet (variáveis dependentes)

**Tabela 10.** Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição parental (variáveis independentes) e o sentimento de solidão (variável dependente)

**Tabela 11.** Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição paterna (variáveis independentes) e SRA (variável dependente)

**Tabela 12.** Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição materna (variáveis independentes) e SRA (variável dependente)

### **Lista de Anexos**

Anexo A. Questionário Sociodemográfico

Anexo B. Consentimento Informado

### **Lista de Abreviaturas**

HBSC - Health Behaviour in School-aged Children

IPARTheory – Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal

ISIPAR - International Society For Interpersonal Acceptance-Rejection

PARTheory –Teoria da Aceitação-Rejeição Parental

SR – Sensibilidade à rejeição

SRA – Sensibilidade à rejeição baseada na aparência

## Introdução

A presente Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação centra-se no estudo das relações entre a percepção de aceitação-rejeição parental, o uso problemático das tecnologias, a sensibilidade à rejeição baseada na aparência (SRA) e a solidão. A Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal (IPARTheory) foi criada por volta dos anos 2000 e procura compreender o impacto da percepção de aceitação ou rejeição das figuras significativas no ajustamento psicológico dos indivíduos (Rohner, 2019).

Já o tema SRA é mais recente, uma vez que o seu estudo apenas se iniciou em 2007 através de Lora Park. A SRA ocorre quando o indivíduo sente receio de ser rejeitado devido à sua aparência física. Deste modo, a aparência é tida como a principal variável no processo de ajustamento social durante a adolescência (Park & Pinkus, 2009).

No que concerne ao uso problemático da internet, este limita a qualidade das relações interpessoais. Isto é, quando os adolescentes despendem mais tempo *online*, não investem nas suas relações sociais, o que pode gerar um sentimento de solidão (Bonetti, Campbell & Gilmore, 2010). No entanto, o uso da internet pode ser vantajoso, quando é visto como um mecanismo complementar na comunicação entre adolescentes.

Relativamente à solidão, esta pode ser uma consequência do isolamento social (Ferreira et al., 2013). Este fenómeno pode despoletar uma forte dor emocional e ocorre quando um/uma adolescente não se percebe como parte integrante de um grupo, apresentando baixos níveis de autoestima (Hall-Lande, Eisenberg, Christenson & Neumark-Sztainer, 2007) e, conseqüentemente, sintomatologia depressiva. Assim, na adolescência parece ser fundamental a construção de relações sólidas entre pares, de forma a assegurar o ajustamento psicológico (Rubin & Mills, 1988).

Apresentada uma breve definição de cada um dos temas em estudo, importa compreender a possível relação que os une. A percepção de rejeição parental promove o

desajustamento psicológico, que é perceptível quando estão presentes sinais como baixa autoestima, insegurança e ansiedade (Batoool & Najam, 2012, as cited in Khaleque, Uddin, Hossain, Siddique & Shirion, 2019; Rohner, 2004). Em alguns casos, quando os jovens percebem rejeição por parte das figuras parentais, é desenvolvida uma dependência emocional, caracterizada como a procura incessante de aceitação (Rohner, 2019). Também pode ser desenvolvida uma independência defensiva, que leva ao evitamento de criação de relações, por medo de sentir rejeição novamente (Rohner, 2004). Em ambos os cenários, os jovens sentem-se ansiosos e preocupados pela existência de probabilidade de serem rejeitados, demonstrando níveis consideráveis de sensibilidade à rejeição (SR) (Downey & Feldman, 1996). Igualmente, o facto de procurarem ou evitarem continuamente o contacto social, sugere que apresentem níveis inferiores de satisfação social (Rohner, Khaleque & Cournoyer, 2009) e consequentemente apresentem sentimentos associados à solidão (Nicholson, 2009).

Numa época em que o uso das tecnologias é cada vez maior, especialmente com surgimento do vírus COVID-19 (Király et al., 2020), torna-se importante compreender de que forma os problemas associados ao uso problemático da internet podem ser prevenidos. Sultana e Uddin (2019) revelaram existir uma relação positiva entre a percepção de rejeição parental e o uso problemático das tecnologias. Neste sentido, o facto de os jovens perceberem aceitação por partes das figuras parentais, pode representar um fator protetor do uso problemático da internet. Adicionalmente, no período pandémico atual, os jovens recorrem bastante às redes sociais como mecanismo de manutenção de relações sociais (Király et al., 2020). Contudo, a exposição constante às redes sociais pode levar também a comparações e, consequentemente, a uma insatisfação corporal (Tiggemann & Zaccardo, 2015), associada a níveis elevados de SRA.

## **CAPÍTULO I: Enquadramento teórico-empírico**

### **1.1. Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal (IPARTheory, Rohner, 2004)**

No início dos anos 60, surgiu um crescente interesse em compreender as causas e consequências da rejeição parental, o que impulsionou o surgimento da Teoria da Aceitação-Rejeição Parental (PARTheory) (Rohner, 2019). Segundo Rohner (2004), a forma como as crianças percebem a aceitação ou rejeição parental influencia o seu ajustamento psicológico e tem um impacto, que pode perdurar ao longo da vida, com manifestações que podem notar-se em diversos domínios (e.g. pessoal e/ou social). A percepção de aceitação ou rejeição parental é criada com base nas demonstrações de carinho, que ocorrem na relação entre pais e filhos. Deste modo, o carinho é a dimensão principal da PARTheory e é caracterizado como sendo um contínuo com dois polos, nomeadamente a aceitação e a rejeição parental. Neste contínuo é possível posicionar todas as pessoas, consoante as experiências afetivas vividas com as figuras parentais (Rohner, 2004; Rohner, et al., 2009).

Especificando, o polo referente à aceitação parental inclui comportamentos e/ou verbalizações em que os pais expressam preocupação, transmitem segurança, conforto e carinho aos seus filhos (Rohner et al., 2009). No polo da rejeição parental, não se verificam comportamentos carinhosos e/ou são praticados outros comportamentos e/ou verbalizações, que transparecem frieza, hostilidade, negligência e indiferença das figuras parentais para com a criança (Rohner et al., 2009). De notar que, os indivíduos não se situam exclusivamente num polo específico, mas sim ao longo do contínuo, dependendo das experiências rejeitantes ou aceitantes que viveram e da forma como as interpretaram. O que significa que a dimensão carinho é dinâmica, uma vez que as pessoas se podem posicionar mais próximos do polo da aceitação, ou mais próximos do polo da rejeição, de acordo com as suas experiências de menor maior rejeição, ao longo do seu percurso de vida (Rohner, 2019).

Segundo Rohner (2004), a aceitação-rejeição parental pode ser estudada a partir de duas perspectivas, sendo que a perspectiva fenomenológica compreende os fenómenos de aceitação-rejeição parental através da percepção e experiências vividas pelas crianças, enquanto que a perspectiva comportamental recorre a observações de investigadores sobre a relação entre pais e filhos. Por norma, as perspectivas convergem nos resultados. No entanto, quando isto não acontece, deve ser priorizada a perspectiva fenomenológica, uma vez que considera a percepção da criança (Rohner, 2019).

A premissa de que a aceitação parental promove o ajustamento psicológico da criança, é comprovada em diversos estudos em diferentes culturas (Carrasco & Rohner, 2013; Khaleque & Rohner, 2002; Rohner, 2004, 2019). Isto significa que, independentemente dos fatores pessoais, sociais e culturais, os impactos da aceitação (ou rejeição) parental são semelhantes nas crianças que a experienciam (Rohner, 2019). O mesmo se verifica quando ocorre a rejeição parental, em que a criança pode desenvolver a Síndrome de rejeição, apresentando sintomas como raiva, desregulação emocional, insegurança, ansiedade, baixa autoestima e distorções cognitivas (Batoool & Najam, 2012, as cited in Khaleque et al., 2019; Rohner, 2004). Estes sintomas podem perdurar até à idade adulta, período em que pode haver uma generalização da rejeição parental para a relação amorosa (Rohner, Melendez & Kraimer-Rickaby, 2008). Ou seja, caso a criança tenha experienciado rejeição parental ao longo do seu percurso de vida, poderá construir expectativas e uma maior preocupação sobre ser rejeitada pelo parceiro íntimo, interpretando os seus comportamentos ambíguos como rejeitantes (Khaleque & Rohner, 2002). Assim, a rejeição parental pode ser um preditor da sensibilidade à rejeição (SR) na idade adulta (Khaleque et al., 2019), relação esta que será abordada mais à frente.

Adicionalmente, a percepção de rejeição parental provoca alterações nos estados internos da criança semelhantes às alterações que ocorrem quando, em adolescente/adulta

experiencia rejeição do par amoroso (Rohner, 2019). Assim, é possível afirmar que, durante a infância, as crianças desenvolvem padrões de relação, com base na relação que construíram com os pais. Sendo que, o tipo de vinculação entre as figuras parentais e as crianças, bem como a percepção que estas têm de si mesmas, são estabelecidas através da aceitação ou rejeição parental (Khaleque & Rohner, 2002).

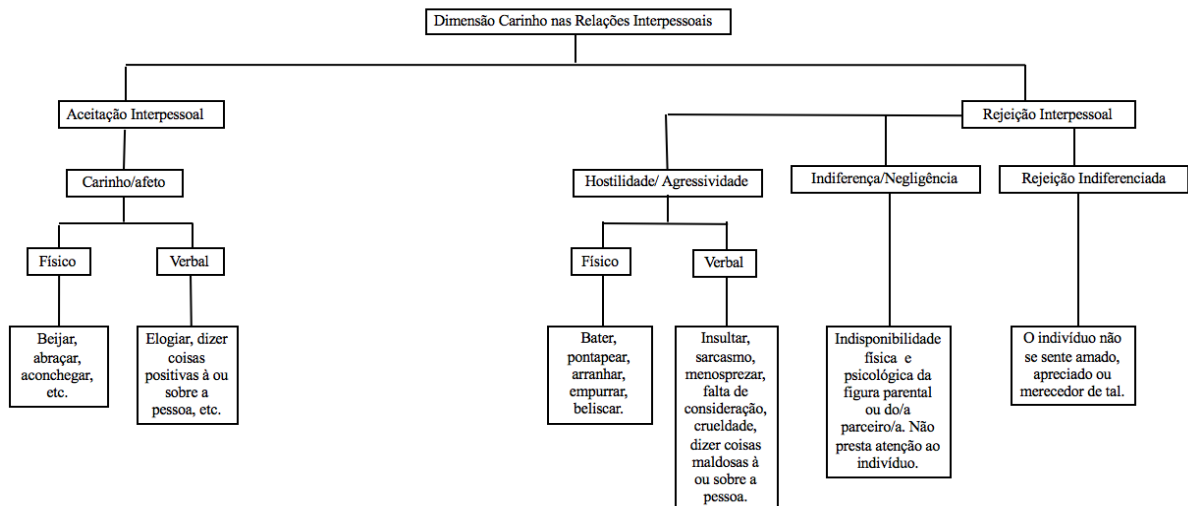
No que concerne aos impactos da aceitação materna e paterna, Carrasco e Rohner (2013) defendem que a aceitação parental ocorre consoante o poder interpessoal, relacionado com a posição social que a figura significativa ocupa e caracterizado pela capacidade que esta tem de influenciar as percepções e atitudes de quem a rodeia (Keltner, Gruenfeld & Anderson, 2003), assim como o prestígio, definido como a capacidade de obter validação social (Homans, 1961, as cited in Carrasco & Rohner, 2013). Os resultados dos estudos de Carrasco e Rohner (2013) comprovam que a figura paterna tem um maior impacto no ajustamento psicológico da criança, principalmente quando é percecionada como a figura parental que tem maior poder interpessoal e prestígio. Caso a figura materna seja percecionada como a detentora de maior poder interpessoal e/ou prestígio, é esta que tem uma maior influência no ajustamento psicológico da criança. Contudo, esta influência é menor, comparativamente com a influência paterna abordada anteriormente (Carrasco & Rohner, 2013).

A PARTheory não incorporava inicialmente a importância de outras figuras significativas, que para além das figuras parentais, marcavam, de forma significativa, o bem-estar de qualquer pessoa, especialmente à medida que estas progrediam da sua infância para a adolescência e, finalmente, para a idade adulta. Foi possível então perceber, a nível da investigação e da prática profissional dos/as psicólogos/as, que existia uma lacuna no modelo de Rohner, lacuna essa estava relacionada com a não consideração da relação significativa que as pessoas criam com figuras importantes da sua vida, como os irmãos, os

pares, os professores, o par amoroso, entre outras. Desta forma, e para colmatar esta lacuna, a Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal (IPARTheory) surgiu, já nos anos 2000 (Rohner, 2019), como resultado de uma atualização do modelo teórico original, baseada nas inúmeras investigações que, ao longo dos anos têm vindo a ser desenvolvidas, focadas na importância da percepção de aceitação-rejeição por parte de outras figuras significativas, para além das figuras parentais. O estudo da percepção de aceitação-rejeição é assim alargado a outras figuras significativas com quem a criança, ou adulto, contacta ao longo da sua vida (e.g. pares, professores, par amoroso), na estrutura de base original deste modelo. No que concerne à natureza da dimensão do carinho, também esta sofreu alterações, na verdade uma expansão, uma vez que se passou a considerar que não se foca apenas nos comportamentos de expressão de afeto utilizadas pelos pais, mas também por outras figuras significativas, no âmbito de todas as relações interpessoais (cf. Figura 1) (Rohner, 2019).

### Figura 1.

*Dimensão carinho nas relações interpessoais (adaptado e traduzido de Rohner, 2019)*



### *1.1.1. As subteorias da Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal*

A IPARTheory está dividida em três subteorias (Rohner, 2004). Primeiramente, e de forma mais aprofundada, importa mencionar a **subteoria da personalidade**, uma vez que permite o enquadramento de alguns dos conceitos chave desta dissertação, nomeadamente a SR e o ajustamento psicológico.

A subteoria da personalidade explica que o desenvolvimento da personalidade e do ajustamento psicológico da criança ou adulto, depende das respostas positivas dos seus pais, figuras responsáveis pela supressão das necessidades da criança, assim como das figuras significativas que vão surgindo em diferentes períodos de vida (Rohner, 2004). Isto ocorre, devido à necessidade intrínseca do ser humano em procurar respostas de validação junto das suas figuras significativas (Maslow, 1987). Caso o indivíduo não obtenha uma resposta positiva, poderá sentir-se rejeitado e desenvolver dependência emocional, que o fará procurar constantemente por validação, como estratégia para reduzir os sentimentos associados a experiências rejeitantes (Rohner, 2004). O conceito de dependência é utilizado na IPARTheory, para caracterizar o desejo de crianças e adultos em encontrar, nas suas figuras significativas, comportamentos que lhes transmitam segurança, atenção e carinho (Rohner, 2019). Assim, a definição clara deste termo, permite compreender na prática a motivação base para determinados comportamentos de crianças e adultos, como por exemplo a situação em que uma criança utiliza o choro para obter a atenção desejadas dos pais.

Adicionalmente, quem experiencia rejeição tende a apresentar maiores níveis de ansiedade e menor capacidade de lidar com situações stressantes (Rohner, 2004). Contudo, a dependência emocional e a ansiedade não são as únicas consequências da rejeição parental no desenvolvimento da personalidade da criança. A criança pode também apresentar independência defensiva, isto é, não procura o afeto dos outros para se proteger de uma possível nova rejeição. Esta resposta é criada com base em sentimentos de raiva, frustração

e ressentimento, e inibe a capacidade de a pessoa ser capaz de dar e receber carinho. Também a autoestima e o autoconceito são afetadas, devido aos pensamentos recorrentes de que não são dignos de serem amados, uma vez que nem os pais os amam (Rohner, 2004). No fundo, os esquemas mentais e as crenças construídas serão sempre alicerçadas em rejeições, o que pode provocar distorções cognitivas, nomeadamente em episódios ambivalentes, onde não é claro para o sujeito se se trata de uma situação de aceitação ou rejeição (Downey, Freitas, Michealis & Khouri, 1998; Rohner, 2004). Na dúvida, a tendência será sempre interpretar atitudes, comportamentos e situações dos contextos como sendo expressões de rejeição. Este fenómeno poderá indicar que crianças e adultos que experienciaram rejeição, possam apresentar maiores níveis de SR, uma vez que em situações ambivalentes têm uma maior expectativa de serem rejeitados (Downey & Feldman, 1996), comparativamente com os indivíduos que experienciaram aceitação.

A **subteoria do coping** (Rohner et al., 2009) foca-se e explica a razão pela qual nem todos os indivíduos responderem da mesma forma à rejeição e, por isso mesmo, nem todos os indivíduos que se percecionam como rejeitados desenvolvem perturbações associadas à mesma (e.g. depressão). A perceção criada sobre um episódio rejeitante difere de pessoa para pessoa, pois cada um perceciona o eu (representações mentais sobre si), o outro (crenças sobre as características das figuras significativas que praticam a rejeição) e o contexto (características de outras pessoas significativas e do ambiente social) de forma diferente (Rohner et al., 2009).

Sujeitos com competências cognitivas e sociais mais desenvolvidas, percecionam a rejeição com menor gravidade (Rohner, 1986, as cited in Rohner et al., 2009). Isto porque o seu autoconceito e a sua autodeterminação são criadas por perceções próprias, permitindo-lhes adquirir algum controlo sobre as situações (Rohner et al., 2009). Deste modo, a autodeterminação pode representar um recurso interno capaz de diminuir o impacto da

rejeição. Contrariamente, indivíduos com menor autodeterminação explicam a rejeição com base no destino, má sorte (fatores externos), o que reduz a sua capacidade de exercer controlo sobre a situação rejeitante (Rohner, 2019). Alguns indivíduos também têm uma melhor capacidade de desvalorizar os episódios com pequenos sinais de rejeição, evitando assim o sofrimento resultante de momentos ambivalentes, porque os avaliam como positivos (Rohner et al., 2009). Deste modo, é possível identificar dois tipos de *coping* perante situações de rejeição: (1) **emocional**, quando os sujeitos utilizam a sua inteligência emocional para lidar com este tipo de situações; e (2) **instrumental**, quando utilizam as suas competências académicas/ profissionais, para lidar com as situações de rejeição. Na maioria das vezes, os sujeitos que utilizam o *coping* emocional apresentam melhores níveis de ajustamento psicológico, do que os sujeitos que utilizam o *coping* instrumental (Rohner, 2019). Uma hipótese para este fenómeno poderá ser o facto de quem utiliza o *coping* instrumental, se concentrar por completo nas suas atividades académicas/ profissionais evitando os sentimentos resultantes da rejeição. Assim, não desenvolve competências de regulação emocional e, por consequente, não é capaz de atingir maiores níveis de ajustamento psicológico.

A terceira, e última subteoria, é a do **sistema sociocultural**, que tenta prever e explicar as causas da rejeição parental, bem como os comportamentos expressivos consequentes (Rohner, 2019). Tal como a subteoria da personalidade, a subteoria do sistema sociocultural afirma que a personalidade e os comportamentos dos indivíduos, nomeadamente das crianças, são moldados consoante a qualidade da relação com os pais. No entanto, o desenvolvimento da personalidade e a adoção de determinados comportamentos, também são influenciados pelos contextos sociais em que se inserem (Rohner, 2004). Ou seja, não só o contexto familiar (microsistema) tem impacto na resposta à rejeição da criança, como também os contextos sociais que permitem a manutenção do

contexto familiar (exossistema, e.g. emprego dos pais) e a própria cultura (macrossistema) (Bronfenbrenner, 1979).

Sintetizando, cada pessoa está inserida em diferentes contextos, adotando diferentes papéis sociais, o que implica que a forma como a rejeição é percebida depende do impacto que tem, não só no contexto em que ocorreu, mas também nos restantes (Rohner et al., 2009). A maneira como a pessoa lida com a rejeição depende, ainda, da cultura do contexto social onde está inserida, existindo variáveis de natureza sociocultural que podem influenciar as vivências de rejeição, tanto de forma a agudizar a percepção de rejeição como a mitigá-la. Por exemplo, nas culturas onde estão demarcadas crenças espirituais, quando a criança ou adulto experiencia rejeição, tende a justificar com base em mecanismos extrínsecos a si mesmos, ou seja, a rejeição ocorreu como um castigo de uma força superior (Batoool & Najam, 2013, as cited in Rohner, 2019).

### ***1.1.2. Estudos empíricos realizados sobre a Teoria da Aceitação-Rejeição Interpessoal***

Para uma melhor compreensão da relação entre a aceitação parental e o ajustamento psicológico, importa citar o trabalho de Khaleque e colaboradores (2019). No seu estudo com 514 estudantes universitários do Bangladesh, concluíram que a aceitação parental promove o ajustamento psicológico tanto em homens, como em mulheres. Este dado está em concordância com a subteoria da personalidade de Rohner (2004), que afirma que o carinho transmitido pelas figuras parentais promove o ajustamento psicológico das crianças e revela impactos positivos e duradouros na vida de quem a experiência. Contudo, os homens tendem a perceber as figuras parentais como menos aceitantes, quando comparados com as mulheres (Khaleque et al., 2019).

Adicionalmente, Khaleque e colaboradores (2019) também provaram que a aceitação por parte da figura paterna tem maior impacto no ajustamento psicológico, do que a aceitação por parte da figura materna. Assim, os estudos dos investigadores (Khaleque et al., 2019)

demonstraram que a rejeição paterna está associada a níveis mais elevados de SR. Este resultado também comprova a afirmação de Carrasco e Rohner (2013) sobre a diferença entre o impacto da aceitação paterna e o impacto da aceitação materna, anteriormente abordada.

De acordo com a International Society For Interpersonal Acceptance-Rejection ([ISIPAR], 2019), a percepção de rejeição afeta significativamente o ajustamento psicológico dos indivíduos, que podem demonstrar problemas de internalização (e.g. depressão, ansiedade, insegurança), problemas de externalização (e.g. agressividade, impulsividade), desenvolvimento de comportamentos aditivos (e.g. abuso de substâncias), medo de estabelecer relações íntimas, desenvolvimento de SR e sentimentos de solidão. Além disso, algumas crianças que experienciam rejeição parental demonstram comportamentos insensíveis, ou seja, não se preocupam com as consequências que os seus atos possam ter nos colegas, revelando assim baixa empatia e moralidade (Waller, Hyde, Klump & Burt, 2018). Estes comportamentos disruptivos podem estar associados à independência defensiva apresentada na subteoria da personalidade (Rohner, 2004), uma vez que para evitar o sofrimento psicológico associado à rejeição, os indivíduos constroem barreiras que os impedem de se relacionarem afetivamente com os outros (ISIPAR, 2019).

Relativamente à população portuguesa, um estudo realizado por Machado, Machado, Neves e Fávero (2014), debruçou-se sobre a compreensão de como a aceitação-rejeição parental, o poder e o prestígio podem ter implicações no ajustamento psicológico em 785 estudantes do ensino superior. Os resultados mostram que, tanto no sexo feminino como no sexo masculino, a percepção de aceitação parental por parte dos estudantes relaciona-se com o seu ajustamento psicológico, isto é, a percepção de aceitação parental está associada a níveis mais elevados de ajustamento psicológico, o que por sua vez, e de acordo com a literatura científica, pode favorecer o rendimento académico e a integração no contexto universitário.

A investigação desenvolvida mostrou também que o género é uma variável influente, o que significa que as figuras paternas e maternas influenciam o ajustamento psicológico dos/as estudantes de forma distinta. As mulheres tendem a perceber a figura materna como detentora de maior poder. Enquanto que os homens, percebem ambas as figuras parentais com um poder semelhante. A percepção da aceitação paterna, tanto em homens como mulheres, é maior quanto mais poder e prestígio esta figura tiver relativamente à figura maternal. Já a percepção sobre a aceitação materna, em mulheres, é maior quanto mais poder e prestígio esta figura tiver relativamente à figura paterna (Machado et al., 2014). Novamente, os resultados obtidos pelos investigadores portugueses corroboram o estudo desenvolvido por Carrasco e Rohner (2013) sobre a importância do poder e do prestígio na aceitação das figuras parentais.

Explorando de forma mais aprofundada uma das dimensões que influencia o ajustamento psicológico, a investigação realizada por Molaver (2016) mostra que a percepção de rejeição parental tem um impacto significativo no sentimento de solidão. Estes resultados validam a subteoria da personalidade, em especial a independência defensiva, que descreve que quando as crianças experienciam rejeição tendem a evitar sentir carinho pelos que a rodeiam, como estratégia para se proteger de futuras rejeições (Rohner, 2004).

Finalmente, e considerando que a presente dissertação pretende estudar a relação da aceitação-rejeição parental e o uso problemático das tecnologias, o recente trabalho de Sultana e Uddin (2019), obteve resultados que comprovam a existência de uma correlação positiva e significativa entre as duas variáveis anteriormente referidas. Deste modo, quanto mais os jovens adultos perceberem as suas figuras parentais como rejeitantes, mais demonstram utilizar de forma inadequada a internet (Sultana & Uddin, 2019).

### ***1.1.3. Sensibilidade à rejeição (SR)***

Maslow (1987) afirma que a vida humana é motivada pela busca de aceitação, sentimento de pertença, obtenção de poder e prestígio. A satisfação destas necessidades advém, por isso, da interação/ contacto social e da percepção da estabilidade das relações (Baumeister & Leary, 1995). Quando esta percepção é positiva, o ajustamento psicológico é assegurado. Contrariamente, quando os indivíduos não conseguem satisfazer estas necessidades, podem estar em risco de desenvolver perturbações psicológicas (Maslow, 1987). Assim, quando o indivíduo não consegue integrar-se socialmente, há possibilidade de despoletar um sentimento de rejeição, que pode afetar o seu ajustamento psicológico e funcionalidade (Baumeister & Leary, 1995). No entanto, também há a possibilidade de o indivíduo minimizar a situação de rejeição e conseguir manter o seu equilíbrio. A forma como os indivíduos reagem à rejeição influencia, então, a sensação de bem-estar. Indivíduos que maximizam a rejeição, tendem a apresentar padrões de ansiedade mais elevados, nomeadamente associados à expectativa de serem rejeitados novamente. Deste modo, considera-se que indivíduos que apresentam este padrão de comportamento possuem níveis mais elevados de SR (Feldman & Downey, 1994).

Downey e Feldman (1996) afirmam que quando as figuras significativas de um sujeito o rejeitam repetidamente, aumentam a probabilidade de este apresentar níveis mais elevados de SR. Os mesmos autores (Feldman & Downey, 1994) supõem então que crianças expostas a práticas parentais desajustadas, agressivas e negligentes apresentam elevados níveis de SR em adultos. Isto ocorre, porque a forma como as figuras significativas interagem e interagem com os seus filhos, leva estes últimos a desenvolver uma percepção de rejeição. Deste modo, tanto SR como a IPARTheory abordam o impacto da percepção de rejeição no ajustamento psicológico dos indivíduos. Esta percepção de rejeição está, também, diretamente relacionada com o tipo de vinculação que é estabelecido na infância e que se

prolonga na adultez. Assim, os níveis elevados de SR, por norma, associam-se a padrões de vinculação insegura, tanto evitante como de ambivalente/resistente (Feldman & Downey, 1994).

Neste sentido, as crianças nos primeiros três anos de vida (Hazan & Shaver, 1987) já começam a construir os seus modelos mentais sobre a aceitação e rejeição (Bowlby, 1969). Ou seja, as crianças são capazes de prever se o seu comportamento será aceite ou não. Isto resulta de experiências vividas com as suas figuras significativas. Se a criança sempre se sentiu apoiada, aceite e satisfeita, irá desenvolver um padrão de vinculação segura, diminuindo a expectativa ansiosa de poder ser rejeitada. Pelo contrário, se as figuras de vinculação não atendem às necessidades da criança e não a apoiam, a mesma cria um pensamento de incerteza conduzindo a uma vinculação insegura, esperando, ansiosamente rejeição por parte dos outros (Hazan & Shaver, 1987). Em síntese, o padrão de vinculação demonstrado na adultez, por norma, é, em grande parte, resultado dos padrões de vinculação que os indivíduos estabeleceram com as figuras parentais na infância (Bowlby, 1969).

A SR tem ainda um grande impacto na personalidade durante a adolescência e a transição para a adultez, podendo colocar em risco o ajustamento psicológico do indivíduo, no que concerne à sua autoestima (Ayduk et al., 2000). A autoestima é um constructo do autoconhecimento (Baumeister, Campbell, Krueger & Vohs, 2003) e, na adolescência, relaciona-se com a satisfação corporal, mais associada ao sexo feminino, e a preocupação com a aparência, mais associada ao sexo masculino (Baldwin & Hoffmann, 2002). A autoestima é então definida como o valor atribuído pelo sujeito a si mesmo, que interfere na forma como este interage socialmente (Baumeister et al., 2003). Enquanto que autoestima parece diminuir em ambos os sexos no período da adolescência (Baldwin & Hoffmann, 2002), a satisfação corporal apenas diminuí significativamente no sexo feminino, solidificando-se no sexo masculino (Bearman, Presnell, Martinez & Stice, 2006). Deste

modo, é possível concluir, que este fenômeno afeta mais o sexo feminino (London, Downey, Romero-Canyas, Rattan & Tyson, 2012). Adicionalmente, a família tem um papel importante na autoestima de adolescentes e jovens adultos, pois quando o contexto familiar é percebido como um meio de amor, aceitação e apoio, gera níveis mais elevados de autoestima (Baldwin & Hoffmann, 2002).

O afeto providenciado pelas figuras significativas tem uma relação negativa com os níveis de ansiedade em jovens adolescentes (Arshad, Khadim & Massod, 2018), isto é, níveis mais elevados de afeto percebido pelos indivíduos, está associado a níveis mais baixos de ansiedade. Dentro da mesma lógica, indivíduos com elevados níveis de SR, quando confrontados com acontecimentos que percebem como rejeitantes, pensam que não são merecedores de afetos, o que pode despoletar um transtorno depressivo, ansiedade, raiva (Arshad et al., 2018) e ansiedade social (McDonald, Bowker, Rubin, Laursen & Duchene, 2010). Ainda relativamente à ansiedade, esta aumenta em situações de rejeição, o que faz com que estas pessoas interpretem todos os comportamentos ambivalentes como rejeitantes, mesmo quando não o são (Downey et al., 1998).

Tendencialmente, indivíduos com elevados níveis de SR, percebem a rejeição de forma exagerada, levando a que a sua resposta à rejeição seja bastante negativa, incluindo expressões associadas ao abandono e hostilidade (Ayduk, Downey, Testa, Yen & Shoda, 1999), que podem ser expressas com agressividade (Downey & Feldman, 1996). A hostilidade é uma resposta reativa que surge devido ao sentimento de perda e ao desejo de magoar o outro da mesma forma (Ayduk et al., 1999). Esta resposta pode ser autodirigida ou dirigida ao outro. Quando é autodirigida, estão incluídos comportamentos e pensamentos que colocam o indivíduo em risco, como por exemplo o indivíduo desenvolver intencionalmente um padrão comportamental que lhe provoca dor física (Breines & Ayduk, 2015). Já quando a resposta à rejeição é dirigida ao outro, surge o isolamento social, uma

vez que o indivíduo procura não criar relações de qualidade com os que o rodeiam, podendo apresentar comportamentos hostis para se distanciar dos mesmos. Este comportamento de isolamento social pode resultar do sentimento de culpa dirigido ao *self*, que surge quando o indivíduo se percebe como sendo incapaz de estabelecer relações sociais de qualidade (Zimmer-Gembeck, Nesdale, Webb, Khatibi & Downey, 2016). No entanto, alguns indivíduos apresentam um sentimento de culpa dirigido ao outro, quando culpam os seus pares por não os integrarem socialmente. Caso isto aconteça, a probabilidade de surgirem comportamentos disruptivos aumenta (Zimmer-Gembeck et al., 2016).

A literatura científica mostra ainda que a forma como os indivíduos respondem a acontecimentos rejeitantes depende da sua capacidade de autorregulação, perante momentos de maior ansiedade (Ayduk et al., 2000; Eisenberg, Fabes, Guthrie & Reiser, 2000). Isto porque, a capacidade de autorregulação sugere uma maior capacidade de adaptação aos contextos, bem como a criação de relações sociais de qualidade. Contrariamente, indivíduos com baixa capacidade de autorregulação, apresentam maior probabilidade de desenvolver problemas de internalização e externalização (Eisenberg et al., 2000).

Assim, o resultado, ou por outras palavras, o impacto da SR, depende da interação entre vários processos cognitivos e afetivos (e.g. crenças ou expectativas) e a personalidade do indivíduo (Freitas & Downey, 1998). Uma boa capacidade de autorregulação torna os indivíduos mais flexíveis, o que significa que estes não demonstram de imediato, ou de todo, as respostas automáticas associadas à frustração que é sentida (Derryberry & Rothbart, 1997). Algumas das estratégias de *coping* utilizadas para a redução dos níveis de SR, que a literatura tem mostrado que são eficazes passam pela descentração da situação que os sujeitos percebem como rejeitante, a reestruturação cognitiva (Metcalf & Mischel, 1999) e a mudança do foco atencional, para estímulos e situações percebidas como satisfatórias

para o indivíduo (Ayduk et al., 2000; Derryberry & Rothbart, 1997; Freitas & Downey, 1998).

Considerando o que foi descrito em cima relativamente aos potenciais efeitos negativos da SR no ajustamento psicológico dos indivíduos, assim como o efeito moderador que processos psicológicos como os mecanismos de *coping* podem ter na gestão destes efeitos negativos, os autores Breines e Ayduk (2015) sublinham a importância da prevenção e intervenção em crianças e adolescentes com níveis elevados de SR, de forma a promover o autoconceito e diminuir o risco de comportamentos lesivos.

Adicionalmente, os níveis de SR podem influenciar também os relacionamentos íntimos (Downey & Feldman, 1996), caso haja uma generalização das rejeições anteriores para a relação presente, ou seja, em que o indivíduo perceciona que foi rejeitado numa relação íntima passada e assume que, na sua atual relação, será novamente rejeitado. O sentimento de segurança na relação diminui quando os indivíduos apresentam maiores níveis de SR, independentemente do sexo. Também o nível de satisfação que o casal apresenta relativamente à sua relação diminui quando um deles é mais sensível à rejeição. As parceiras íntimas de homens com elevados níveis de SR, reportam que estes se tornam mais ciumentos. Já os parceiros de mulheres com elevados níveis de SR, afirmam que as mesmas são mais frias e hostis (Downey & Feldman, 1996).

#### ***1.1.4. Sensibilidade à rejeição baseada na aparência (SRA)***

De forma distinta da SR generalizada, a SRA resulta não só da rejeição parental, mas também da rejeição por parte dos pares e da pressão social. Deste modo, a perceção de rejeição passa a acontecer dependendo da forma como a pessoa perceciona o seu corpo, de acordo com o que pensa ser socialmente aceite (Park & Pinkus, 2009). Estudos realizados por Bowker, Thomas, Spencer e Park (2012) sugerem que os níveis de SRA são influenciados pela relação entre pares de sexo diferente, no início da puberdade. Assim,

quando os adolescentes não são capazes de estabelecer relações de qualidade com pares do sexo oposto, apresentam maiores probabilidades de desenvolver evitamento social, o que representa um risco para o seu ajustamento psicológico (Bowker et al., 2012).

A adolescência é, também, o período em que as relações íntimas são despoletadas pela atração física (Carlson & Rose, 2007; Park & Pinkus, 2009), o que pode influenciar a integração social dos indivíduos, até porque, quando é perspetivada uma maior atratividade, os indivíduos são, também, percecionados como bem-sucedidos (Bowker et al., 2012; Carlson & Rose 2007; Langlois et al., 2000). Isto vai implicar uma maior necessidade de comparação com pares do mesmo sexo, como meio de compreender o que é socialmente mais atraente (Ricciardelli & McCabe, 2001). Desta forma, o ajustamento sócioemocional é assegurado quando as relações íntimas são de qualidade, ou seja, quando ambas as figuras do casal percecionam que há reciprocidade pelo par amoroso (Carlson & Rose, 2007). Carlson e Rose (2007) afirmam ainda que quando os jovens encontram um par amoroso na adolescência, são percecionados pelos pares como sendo mais populares. Este facto associado a uma relação recíproca aumentam a estabilidade emocional e promovem a integração social. Assim, indivíduos com elevados níveis de SRA acreditam que a sua aparência irá determinar se são, ou não, aceites socialmente.

O período da adolescência é ainda visto como o período sensível, uma vez que os/as jovens aumentam a suas perceções e preocupações sobre o seu próprio corpo (Ricciardelli & McCabe, 2001). As suas crenças sobre a sua aparência são influenciadas pelas opiniões das figuras significativas, pares e os *media*, que transmitem uma ideia pré-concebida sobre o corpo ideal (Park, DiRaddo & Calogero, 2009). O trabalho de Ricciardelli e McCabe (2001) revela o forte impacto destes fatores em adolescentes do sexo feminino, sobretudo na sua autoestima e satisfação corporal. Neste sentido, da mesma forma como ocorre com a SR, níveis mais elevados de SRA têm maior incidência em jovens adolescentes do sexo feminino

(Bowker et al., 2012). Contudo, existem poucos estudos que se debrucem sobre os impactos no sexo masculino, pelo que seria necessário o estudo da satisfação corporal e os níveis de SRA em jovens do sexo masculino.

Ainda segundo o modelo ecológico, os pensamentos, sentimentos e comportamentos do indivíduo são desenvolvidos através da interação deste com o meio sociocultural que o rodeia. Neste sentido, as situações em que os jovens percecionam aceitação social levam à diminuição dos níveis de SRA. Inversamente, quando são rejeitados, há a confirmação das suas crenças, expectativas e ansiedades relativamente à rejeição, o que faz aumentar os níveis de SRA (Magnusson & Stattin, 2006).

Finalmente, por norma, quando os/as jovens se percecionarem como atraentes, revelam maiores níveis de autoestima e um melhor ajustamento psicológico (Langlois et al., 2000). Quando o contrário ocorre, ou seja, quando os/as jovens se consideram menos atraentes, por norma, apresentam elevados níveis de SRA (Park et al., 2009) e, conseqüentemente, um menor ajustamento psicológico.

## **1.2. Ajustamento psicológico associado à perceção de aceitação-rejeição parental e sensibilidade à rejeição baseada na aparência**

De acordo com a literatura supramencionada, tanto a perceção de rejeição parental, como os níveis elevados de SRA, podem levar a dificuldades de integração social, ao desenvolvimento de sentimentos de rejeição e à diminuição do ajustamento psicológico. Neste sentido, torna-se fundamental abordar o presente tema. No entanto, apesar de o ajustamento psicológico ser composto por vários componentes, nesta dissertação, apenas será analisado o isolamento social, pois é o que está positivamente relacionado com o sentimento de solidão (Ferreira et al., 2013), que aparenta associar-se à perceção de rejeição parental, utilização problemática da internet e da SRA.

Ali, Khatun, Khaleque e Rohner (2019) reconhecem que a percepção de rejeição interpessoal acarreta consequências para quem a experiência, podendo levar ao desajustamento psicológico. Os autores afirmam que o desajustamento psicológico é identificado quando estão presentes pelo menos sete de dez disposições da personalidade, sendo elas a “ansiedade, insegurança, raiva, hostilidade, agressividade (...) dificuldades de gestão da hostilidade e agressividade; dependência emocional ou independência defensiva, baixa autoestima, baixa auto-adequação, instabilidade emocional, falta de resposta emocional, visão negativa do mundo e distorções cognitivas” (Ali et al., 2019, p.186). Contrariamente, quando os indivíduos experienciam aceitação interpessoal sentem-se confiantes, apoiados e seguros, o que promove o seu ajustamento psicológico (Khaleque & Rohner, 2002). Além disso, quando a relação entre a criança /adolescente /jovem adulto e as suas figuras significativas são construídas com base no respeito (Huo, Binning & Molina, 2009) e reciprocidade (Carlson & Rose, 2007) conduzem ao ajustamento psicológico, o que aumenta a funcionalidade destes e pressupõem que têm melhores capacidades sociais, pessoais e emocionais (Ryff, 1989).

Relativamente ao ajustamento psicológico dos portugueses, o estudo realizado no âmbito do projeto *Health Behaviour in School-aged Children* ([HBSC], 2018) concluiu que 81,7% dos jovens se sente feliz. No entanto, cerca de 52,4% afirma sentir-se preocupado com regularidade, sendo que em 21,8% dos jovens esta preocupação é intensa. Este estudo também procurou avaliar a qualidade da relação entre pais e filhos e demonstrou que, por norma, os jovens têm mais facilidade em estabelecer um padrão de comunicação saudável com a figura materna, do que com a figura paterna (HBSC, 2018). Adicionalmente, Machado e colaboradores (2014), concluíram que os jovens universitários tendem a perceber as figuras parentais como aceitantes, fazendo com que os primeiros atinjam valores de ajustamento psicológico satisfatórios. Já em adultos portugueses, Fonte, Ferreira e Alves

(2017) encontraram evidências de que há medida que a idade avança, o bem-estar psicológico tende a diminuir. Além disso, as mulheres apresentam níveis mais baixos de bem-estar, comparativamente com os homens.

Abordando também a percepção sobre a imagem corporal, bastante associada a diferentes níveis de SRA, o ajustamento psicológico promove a percepção positiva da imagem corporal, prevenindo os distúrbios alimentares (Cook-Cottone, 2015). A Teoria da Representação do Self de Cook-Cottone (2006) esclarece que a representação do *self*, relativo à imagem corporal, é criada através de dois sistemas, o interno e o externo. O sistema interno é constituído pelas cognições do indivíduo, as suas emoções e a percepção psicológica do corpo. Por outro lado, a imagem corporal criada depende das crenças associadas aos contextos sociais em que a pessoa se insere. Ou seja, aquilo que para a família, a comunidade e a cultura é considerado como belo, irá influenciar a percepção do indivíduo na construção da sua imagem corporal (Cook-Cottone, 2006; Park et al., 2009), o que por sua vez irá ter um impacto sobre o ajustamento psicológico.

Destacando a importância do sistema externo para a construção da imagem corporal, existem alguns autores na literatura científica que demonstraram que o uso das redes sociais pode contribuir para a insatisfação corporal (Holland & Tiggemann, 2016). De acordo com estas investigações, isto acontece porque durante a utilização das redes sociais, os indivíduos tendem a comparar-se, de forma contínua, com os seus pares, através das suas publicações, nomeadamente aquelas que são referentes à imagem corporal que pensam ser socialmente aceite (Perloff, 2014). Por norma, estas comparações são mais frequentes no sexo feminino, representando um fator de risco para o desenvolvimento de problemas de internalização, depressão, baixa autoestima e insatisfação com a aparência física, afetando diretamente o bem-estar emocional, o ajustamento psicológico (Perloff, 2014) e ainda os níveis de SRA (Park et al., 2009).

### ***1.2.1. O uso problemático das tecnologias em jovens adolescentes/adultos e consequências para o ajustamento psicológico***

O uso problemático das tecnologias, nomeadamente das redes sociais, ocorre quando o indivíduo desenvolve uma dependência e altera os seus padrões de comportamento e deveres, em prol do uso das mesmas (Turel & Serenko, 2012). No entanto, as investigações realizadas nesta área mostraram resultados contraditórios (Lin et al., 2016), isto é, por um lado, os autores afirmam que as redes sociais oferecem aos seus usuários o sentimento de curiosidade e entusiasmo. Tal, cria uma necessidade de explorar e comunicar através do mundo *online* (Hu, Kettinger & Poston, 2015), sendo que esta comunicação promove dinâmicas e processos muito positivos para os indivíduos como a criação e fortalecimento de relações (Ellison, Steinfield & Lampe, 2007); a “satisfação de vida, a participação social, cívica e política” (Valenzuela, Park & Kee, 2009, p.893) e o desenvolvimento de competências sociais, a integração social e a perceção de suporte social (Ellison et al., 2007; Valenzuela et al., 2009).

Por outro lado, um conjunto de investigações mais recentes, relatam que o uso destas aplicações pode causar também uma perceção de insatisfação social e mal-estar psicológico, dependendo da forma como são utilizadas e com quem são estabelecidas as interações (Kross et al., 2013).

Contrariamente aos estudos mencionados em primeiro lugar, os autores Morahan-Martin e Shumacher (2003) afirmam que, o facto de a comunicação ser estabelecida por um meio indireto (*online*), poderá promover sentimentos de solidão. Também as relações estabelecidas, através das redes sociais, são consideradas mais fracas, superficiais e artificiais, devido há existência de barreiras na comunicação. No seu estudo, os autores, concluíram que quanto mais as pessoas se sentem sozinhas, mais irão utilizar a internet,

como método de relaxamento e procura de suporte emocional (Morahan-Martin & Shumacher, 2003).

Assim, o uso da internet é sentido como um mecanismo de *coping* acionado quando os níveis de ansiedade aumentam, mas que pode ter um impacto negativo no ajustamento e bem-estar psicológico geral, ao criar processos psicológicos de dependência, isolamento e gerar ainda mais ansiedade. Além disso, é comprovado que estes indivíduos se sentem mais confortáveis em contactar o outro através de um computador/ telemóvel, do que através do contacto presencial (Morahan-Martin & Shumacher, 2003), o que mais uma vez pode significar avanços em termos de socialização, ao mesmo tempo que inibe o desenvolvimento de competências sociais, que necessitam de experiências de interação direta para serem desenvolvidas.

Também o estudo de Lin e colaboradores (2016) se debruçou sobre a relação entre o uso das redes sociais e a depressão. Nesta investigação participaram cerca de 1787 participantes, pelo que se considerará o estudo de referência para a presente dissertação de mestrado, devido ao elevado número de participantes e pelo facto de ser o mais recente, comparativamente com os restantes apresentados. Os resultados demonstraram uma grande associação entre o uso das redes sociais e a depressão, sendo que, indivíduos com depressão, utilizam as redes sociais em busca de aceitação social e aceitação da sua imagem corporal (Lin et al., 2016). A relação entre o uso problemático da internet e a depressão é então bidirecional, o que significa que, quem utiliza a internet de uma forma que coloca em causa a funcionalidade diária, apresenta um elevado risco de desenvolver depressão (Puri & Sharma, 2016).

Apesar de não serem encontrados estudos que relacionem a SRA e a utilização das redes sociais, já existem estudos que relacionam a pressão dos *media* com o desenvolvimento de perturbações mentais, como ansiedade, depressão e preocupações com a imagem corporal

(Carter, Forrest & Kaida, 2017; Dalbudak et al., 2013), variáveis intimamente relacionadas com a SRA. O tempo despendido em redes sociais afeta particularmente mulheres e jovens adolescentes do sexo feminino, que acabam por criar padrões de beleza irrealistas, conduzindo à insatisfação com a sua aparência (Fardouly & Vartanian, 2016).

Contudo, os conteúdos que os/as jovens pesquisam são os verdadeiros fatores de risco que influenciam o seu bem-estar, autoestima, satisfação corporal, objetivos de vida e levam a comparações entre pares (Tiggemann & Zaccardo, 2015), mais do que os meios digitais em si. Isto é, os adolescentes que pesquisam sobre estilos de vida associados à imagem corporal (e.g. fitness e alimentação saudável), são os que apresentam valores mais elevados de insatisfação corporal (Tiggemann & Zaccardo, 2015). Esta informação é congruente com o estudo de Perloff (2014), anteriormente mencionado, sobre a comparação da imagem corporal entre pares e o impacto desta ação no ajustamento psicológico. Assim, visto que os meios digitais facilitam o acesso a este tipo de conteúdo, seria relevante compreender de que modo se relaciona com o ajustamento psicológico.

Barlett, Vowels e Saucier (2008) desenvolveram uma investigação com o objetivo de compreender de que forma a pressão dos *media* influencia a construção da imagem e satisfação corporal em adolescentes do sexo masculino. De acordo com os resultados obtidos, existe uma relação entre a pressão dos *media* e a perceção da imagem corporal. Ou seja, quanto mais expostos os adolescentes estiverem a conteúdos referentes à imagem corporal, mais a sua perceção adquire um carácter negativo sobre a sua imagem corporal. Além disso, tendem a surgir sentimentos negativos sobre si próprios. Assim, quanto mais tempo os adolescentes passam *online*, mais preocupados ficam com a sua imagem corporal, diminuindo progressivamente a autoestima e a satisfação corporal (Barlett et al., 2008).

Não é apenas a vertente social que é estudada no uso problemático da internet. Rasmussen e colaboradores (2015) debruçaram os seus estudos sobre os jogos *online*, a

utilização da internet e a estrutura e funcionalidade das relações sociais dos indivíduos. O tempo dispensado para jogar é muito maior em jovens do sexo masculino e o tempo dispensado *online* é muito maior em jovens do sexo feminino. Os autores relatam que, na maioria dos casos, os jovens não percebem o seu comportamento como problemático, no entanto, o jogo *online* está relacionado com relações sociais de fraca funcionalidade. Já o uso da internet para fins sociais parece estar mais associado a jovens mais isolados e com fracas redes sociais, que usam esta ferramenta como mecanismo de manutenção de relações afetivas (Valkenburg & Peter, 2009).

No que concerne a este tema, torna-se importante compreender a realidade dos/as jovens adolescentes/ adultos/as portugueses. Segundo a investigação realizada pela HBSC (2018), 28,6% dos 6997 jovens inquiridos afirma que utiliza as redes sociais como um mecanismo de regulação, que é ativado em situações de mal-estar psicológico. Os resultados demonstram que os contactos *online* mais frequentes são com amigos chegados e que, entre 19,4% e 24% dos/as jovens, reconhece ser mais fácil abordar assuntos associados a preocupações e sentimentos por via indireta, isto é, *online*. Relativamente ao tempo dispensado *online*, os/as jovens dividem mais de duas horas diárias entre Instagram, Youtube e WhatsApp (aplicações ordenadas de acordo com a utilização mais frequente). Constatou-se, portanto, que as duas primeiras aplicações utilizadas estão mais associadas a visualização de conteúdo, o que sugere uma comparação com o outro, e apenas a terceira aplicação é usada como forma de manter um contacto interativo social (HBSC, 2018).

Ainda de acordo com o estudo do projeto HBSC (2018), 9,2% dos jovens afirma sentir-se triste quase todos os dias, 13,6% afirma estar nervoso quase todos os dias e 12,7% afirma ter dificuldades em adormecer. Estes valores aumentaram significativamente em comparação com o ano de 2014, sendo que os jovens do 10.º e 12.º ano, apresentam valores mais elevados em comparação com os jovens de 6.º e 8.º ano. Estes resultados não estão

vinculados a uma variável específica, contudo, cerca de 81,7% dos jovens afirma sentir-se feliz com a vida, mas a sua atividade de lazer favorita é o uso do telemóvel, sendo que o contacto com os amigos aparece em 5.º lugar após ouvir música, dormir e pensar na vida. Assim sendo, as atividades que, supostamente, geram um bem-estar nos jovens, são atividades solitárias e sedentárias. Mais de metade dos jovens apresenta, ainda, uma dificuldade em praticar outras atividades de lazer por falta de tempo. Após a constatação dos resultados referentes ao estudo do projeto HBSC (2018), torna-se pertinente o estudo da SRA associada ao uso problemático das tecnologias e à solidão, em jovens adolescentes/adultos portugueses.

### ***1.2.2. Isolamento social e Solidão***

O isolamento social é observado quando um indivíduo apresenta poucas, ou nenhuma, relações interpessoais (Gierveld, Tilburg & Dykstra, 2006; Nicholson, 2009). A consequência deste fenómeno pode ser o aumento do sentimento de solidão (Ferreira et al., 2013), caracterizado como sendo a perceção que o indivíduo possui sobre a falta de relações de qualidade na sua vida (Gierveld et al., 2006). Na maioria das vezes, a solidão provoca dor emocional, uma vez que os indivíduos se sentem incapazes de estabelecer relações de qualidade com as suas figuras significativas (Gierveld et al., 2006).

Relativamente ao isolamento social, os fatores que levam ao surgimento desta problemática são bastante diversos, podendo ser intrínsecos ou extrínsecos ao indivíduo. Dentre os fatores extrínsecos encontram-se a falta de relações, obstáculos físicos (e.g. mobilidade reduzida), estatuto socioeconómico abaixo da média e a barreiras contextuais (e.g. localização geográfica) (Nicholson, 2009). Já as barreiras psicológicas inserem-se nos fatores intrínsecos do indivíduo. Exemplos destas são o declínio cognitivo, instabilidade emocional, solidão (Nicholson, 2009), timidez (Wojslawowicz, Rubin, Burgess, Rose-Krasnor & Booth-LaForce, 2006) e a internalização de problemas (Coplan & Rubin, 2007).

Deste modo, compreende-se a relação próxima que existe entre o isolamento social e a solidão, uma vez que o isolamento leva ao aumento dos níveis de solidão, mas o contrário também acontece (Ferreira et al., 2013). Estes fatores de risco, que potenciam o isolamento social, foram igualmente referidos na explanação da IPARTheory, uma vez que a percepção de rejeição parental tem um impacto significativo no domínio social dos indivíduos que a experienciam (Rohner et al., 2009). Deste modo, crianças que percecionaram rejeição por parte de figuras significativas estão mais suscetíveis para apresentar sintomatologia semelhante à descrita nos fatores intrínsecos relacionados com o isolamento social, nomeadamente a solidão (Nicholson, 2009; Rohner, 2004). Adicionalmente, a percepção de rejeição pode criar uma dificuldade em estabelecer e manter relações sociais e afetivas de qualidade, tal como apresentado nos fatores extrínsecos que potenciam o isolamento social (Nicholson, 2009), devido à preocupação e à expectativa ansiosa que sujeitos que experienciaram rejeição sentem sobre a possibilidade de voltarem a ser rejeitados (Feldman & Downey, 1994). No caso de jovens adolescentes e adultos, esta ansiedade face à rejeição pode também estar associada a questões de insatisfação com a imagem corporal, aumentando os níveis de SRA (Park & Pinkus, 2009).

Em síntese, o fenómeno do isolamento social parece afetar o desenvolvimento das áreas emocionais, sociais e cognitivas das crianças e dos adolescentes, podendo prolongar-se pela idade adulta (Coplan & Rubin, 2007; Rubin, Wojslawowicz, Rose-Krasnor, Booth-LaForce & Burgess, 2006). Assim, Coplan e Rubin (2007) denotam a importância da elaboração de programas preventivos que promovam a regulação emocional em idades pré-escolares e que incluam não só a criança, mas as suas figuras significativas e pares. Pela prevenção de situações de isolamento social nestas idades, estaremos a proteger os jovens e futuros adultos dos potenciais efeitos negativos do isolamento social, como por exemplo a

solidão, que se podem estender a diferentes áreas da vida e do desenvolvimento dos indivíduos.

Adicionalmente, o estudo realizado por Ribeiro, Santos, Freitas, Correia e Rubin (2015), procurou compreender de que forma os professores percebem o isolamento social de adolescentes e o seu ajustamento sócioemocional no contexto escolar. Considerando os resultados, o isolamento social aumenta o foco na tarefa, mas diminui a capacidade argumentativa e expressiva, o que sugere baixas competências sociais. Relativamente às diferenças entre sexos, o estudo demonstrou que ambos sofrem alterações no seu bem-estar emocional. No entanto, os adolescentes do sexo masculino tendem a demonstrar mais comportamentos disruptivos, comparativamente com adolescentes do sexo feminino (Ribeiro et al., 2015). Apesar desta situação, ambos os sexos apresentam uma possibilidade de aumento dos níveis de ansiedade, principalmente quando há um sentimento de solidão (Sebastian, Viding, Williams & Blakemore, 2010).

A forma como o isolamento social é sentido e percebido difere consoante a idade, sendo que os adolescentes sentem uma maior angústia, do que adultos. Isto é explicado pelo facto de os adolescentes tenderem a ter uma menor capacidade de regulação emocional do que os adultos, o que aumenta a sua SR (Sebastian et al., 2011). Tendo em consideração a descrição do fenómeno e a sua ligação a níveis de ansiedade e sentimentos de solidão, torna-se pertinente o estudo da relação entre a SRA e a solidão, especialmente na faixa etária da adolescência.

O isolamento social também pode estar associado ao uso problemático da internet, como mostram os estudos de Sanders, Field, Diego e Kaplan (2000). Os resultados indicam que os utilizadores mais ativos apresentam uma dificuldade em estabelecer relações com as suas figuras significativas, nomeadamente com a figura materna, e pares. Consequentemente, a relação entre o uso problemático da internet e a solidão é bidirecional

(Puri & Sharma, 2016). Isto significa que, um indivíduo socialmente isolado tende a utilizar com maior frequência a internet, como meio de estabelecer contacto com outros. No entanto, o contrário também ocorre, ou seja, o uso problemático da internet, pode aumentar o sentimento de solidão.

Atualmente, os adolescentes são o grupo etário que apresenta maior índice de utilização de internet, associado ao uso específico de aplicações denominadas “Redes Sociais”. Este fenómeno parece estar a contribuir para o aumento de relações interpessoais de fraca qualidade. A perceção dos adolescentes sobre o verdadeiro significado de relação interpessoal saudável é enviesada pelo uso da internet. Este facto coloca em causa o estabelecimento de redes de suporte e o ajustamento psicológico da faixa etária em análise. Importa, ainda, mencionar que os estudos sobre os diferentes impactos do uso da internet no sentimento de solidão, relacionados com o sexo, são escassos (Puri & Sharma, 2016).

Relativamente à população portuguesa, quase 80% dos pais aceitam que os filhos estejam *online* até quatro horas por dia (Patrão & Fernandes, 2019). O uso das redes sociais predomina, sendo que as figuras significativas percecionam uma boa coesão familiar, mesmo quando despendem cerca de 5 horas por dia *online*. Estes dados alertam para a possibilidade de o sentimento de solidão ter o seu início no seio familiar (Patrão & Fernandes, 2019), ou pelo menos um incentivo precoce para o seu aparecimento.

## **CAPÍTULO II. Apresentação do estudo-empírico**

Após a revisão da literatura existente e da justificação da pertinência do estudo, importa definir e expor os métodos utilizados ao longo desta investigação. Assim, no atual capítulo serão apresentados os objetivos gerais e específicos, os problemas e hipóteses de investigação, caracterização da amostra, descrição dos instrumentos utilizados na recolha da informação, tratamento estatístico da informação e a descrição dos procedimentos.

### **2.1. Objetivos**

Com o intuito de estudar aprofundadamente potenciais relações existentes entre as variáveis em estudo, nomeadamente a perceção de aceitação-rejeição parental, o uso problemático das tecnologias, a SRA e a solidão, foram delineados objetivos, sendo um geral e seis específicos. O objetivo geral do presente estudo centra-se na compreensão da relação entre a perceção de aceitação-parental com o uso problemático das tecnologias, a SRA, assim como o impacto destas variáveis no sentimento de solidão, em jovens adolescentes e adultos portugueses.

Consequentemente, propõem-se os seguintes objetivos específicos: (1) avaliar uma possível relação entre a perceção de rejeição parental e o uso problemático da internet; (2) explorar a possibilidade de relação entre a perceção de rejeição parental e a SRA; (3) avaliar uma possível relação entre a perceção de rejeição parental e a solidão; (4) analisar se existe uma relação entre o uso problemático da internet e a variação dos níveis de SRA; (5) analisar a possível relação entre níveis de SRA e a solidão; e (6) investigar se a perceção de rejeição parental é um preditor do uso problemático das tecnologias, da SRA e do sentimento de solidão.

## 2.2. Problemas e Hipóteses de Investigação

Após a revisão teórica elaborada para compreender que informações existem sobre a forma como a perceção de rejeição parental se relaciona com o uso problemático da internet, os níveis de SRA e com a solidão, constatou-se que os estudos existentes são escassos. Assim, alinhados com os objetivos propostos e orientadores do presente estudo, foram elaborados os seguintes problemas e hipóteses.

*Problema de Investigação 1:* Será que a perceção de rejeição parental se relaciona com o uso problemático das tecnologias?

*Hipótese de Investigação 1:* Níveis mais altos de perceção de rejeição parental estão associados a maiores níveis de utilização problemática das tecnologias.

O recente trabalho de Zhu, Xie, Chen e Zhang (2019), aferiu que existe uma relação positiva entre a perceção de rejeição parental e o uso problemático do telemóvel, isto é quando os jovens percecionam rejeição por parte das figuras parentais, aumentam o tempo despendido no telemóvel para níveis que podem causar alterações significativas na vida dos jovens. Também a investigação de Sultana e Uddin (2019) conclui que quanto mais os jovens percecionarem rejeição por parte das suas figuras significativas, mais incorrem a um uso problemático das tecnologias.

*Problema de investigação 2:* Poderá a perceção de rejeição parental estar associada a níveis mais elevados de SRA?

*Hipótese de investigação 2:* Níveis mais altos de perceção rejeição parental estão associados a níveis mais elevados de SRA.

Embora não tenham sido encontradas muitas fontes científicas sobre a relação entre a perceção de rejeição parental e a SRA, segundo Arshad e colaboradores (2018), a aceitação parental está negativamente relacionada com a SR, ou seja, caso seja percecionada rejeição por parte das figuras parentais há maior probabilidade de o

indivíduo apresentar níveis mais elevados de ansiedade face a possíveis rejeições futuras. Deste modo, e considerando que a SRA é uma sucessora na SR, prevê-se que a relação encontrada com a percepção de rejeição parental será semelhante.

*Problema de investigação 3:* Poderá existir uma relação entre a percepção de rejeição parental e o sentimento de solidão?

*Hipótese de investigação 3:* Níveis mais altos de percepção de rejeição parental estão associados a níveis mais elevados de sentimento de solidão.

De acordo com a investigação realizada por Turner, Sarason e Sarason (2001), existe uma correlação negativa entre a percepção de aceitação parental e a solidão, ou seja, quando as crianças/ jovens adolescentes percebem os seus pais como carinhosos e atentos, apresentam níveis baixos de solidão. Contrariamente, quando os jovens percebem os seus pais como frios, hostis e indiferentes às suas necessidades, apresentam níveis elevados de sentimento de solidão, o que coloca em causa o seu ajustamento psicológico (Molaver, 2016).

*Problema de Investigação 4:* Será que existe uma relação entre o uso problemático das tecnologias e níveis mais elevados de SRA?

*Hipótese de Investigação 4:* Níveis mais altos de utilização problemática das tecnologias estão associados a níveis mais elevados de SRA.

Estudos focados em compreender o uso das tecnologias e o bem-estar, demonstram que existe uma correlação negativa entre o uso problemático das tecnologias e o bem-estar psicológico (Lin et al., 2016). Assim, quanto maior utilização de tecnologias, menor o bem-estar. Adicionalmente, na investigação de Ruiz, Alcázar, Calatayud e Alcázar (2017), duas das dimensões do bem-estar psicológico afetadas pelo uso problemático da internet foram a autoaceitação e as preocupações cognitivas. Estas dimensões parecem estar associadas à SRA, uma vez que níveis mais elevados de SRA têm um impacto significativo na autoestima

e na aceitação da aparência física (Ricciardelli & McCabe, 2001). Constatados estes factos, pressupõem-se que o uso problemático das tecnologias está associado a níveis elevados de SRA.

*Problema de investigação 5:* Estarão os níveis de SRA relacionados com a solidão?

*Hipótese de investigação 5:* Níveis mais elevados de SRA estão associados a níveis mais altos de solidão.

A solidão pode ser resultante da perceção da falta de relações de qualidade (Gierveld et al., 2006; Nicholson, 2019). Este precursor do sentimento de solidão está diretamente associado aos níveis de SRA e SR, uma vez que Carlson e Rose (2007) demonstram existir uma relação entre o ajustamento psicológico e as relações íntimas de qualidade. Assim, partindo do princípio que a SRA tem um impacto no ajustamento psicológico (Bowker et al., 2012), sugere-se que níveis mais elevados de SRA estão associados a níveis mais altos de solidão.

*Problema de Investigação 6:* Será que a perceção de rejeição parental se constitui um preditor do uso problemático da internet, de elevados níveis de SRA e do sentimento de solidão?

*Hipótese de Investigação 6:* A perceção de rejeição parental é um preditor do uso problemático da internet, de elevados níveis de SRA e do sentimento de solidão.

De acordo com a recente investigação de Thomas, Carr, Azmitia e Whittaker (2020), quando os indivíduos apresentam baixos níveis de ajustamento psicológico, recorrem com maior frequência ao uso das redes sociais e demonstram comportamentos solitários. Semelhante a estas constatações, o estudo de Sultana e Uddin (2019) revelou que quando os jovens adultos percecionam as suas figuras parentais como rejeitantes, apresentam níveis mais elevados de sintomatologia depressiva e maior uso problemático da internet. Neste

sentido, a percepção de rejeição parental parece constituir-se um preditor do uso problemático da internet.

Adicionalmente, Sandhu e Sharma (2015) demonstraram existir uma relação positiva entre a percepção de comportamentos hostis e frios por parte das figuras parentais e a solidão, em jovens do sexo feminino. Deste modo, o sentimento de solidão pode surgir como uma consequência da percepção de rejeição parental (Ali et al., 2018), o que leva a prever que a percepção de rejeição parental se irá afigurar como preditor deste sentimento.

Relativamente à percepção de rejeição parental como preditor de elevados níveis de SRA, esta hipótese surge após a constatação de que os níveis SRA são influenciados pelas opiniões das figuras significativas e da pressão social (Park et. al., 2009; Ricciardelli & McCabe, 2001). Neste sentido, ao saber que os elevados níveis de SRA podem resultar de relações não saudáveis (Magnusson & Stattin, 2006), prevê-se que a percepção de rejeição parental seja preditor de altos níveis de SRA.

### **2.3. Desenho de Investigação**

A presente investigação pode ser classificada como correlacional, uma vez que o objetivo deste estudo é compreender as relações entre as quatro variáveis em estudo – percepção de rejeição parental, uso problemático das tecnologias, SRA e solidão. Assim, serão utilizados métodos de análise de dados quantitativos.

### **2.4. Amostra**

Na investigação descrita participaram 245 alunos/as (77.6% do sexo feminino) do ensino secundário e superior português (cf. Tabela 1). As idades dos participantes estão compreendidas entre os 15 e os 37 anos ( $M = 20.82$ ;  $DP = 3.67$ ) e a maioria destes encontra-se a estudar no ensino superior (78.8%). Cerca de 27.8% dos participantes afirmam passar mais de 17 horas *online* por semana, sendo esta a percentagem mais elevada na

categoria em análise. Relativamente às atividades *online*, a atividade mais frequente é o uso das redes sociais, em que 85.7% dos participantes revela utilizar, e em segundo encontra-se o entretenimento (82.9%).

**Tabela 1.**

*Caracterização sociodemográfica e caracterização do uso da internet dos participantes*

	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Min-Máx.</i>
Idade			20.82 (3.665)	15-37
Sexo				
feminino	190	77.6		
masculino	55	22.4		
Ano de Escolaridade				
10º ano	8	3.3		
11º ano	12	4.9		
12º ano	32	13.1		
1º ano curso TeSP	4	1.6		
2º ano curso TeSP	1	0.4		
1º ano de Licenciatura	40	16.3		
2º ano de Licenciatura	51	20.8		
3º ano de Licenciatura	33	13.5		
4º ano de Licenciatura	7	2.9		
1º ano de Mestrado	33	13.5		
2º ano de Mestrado	24	9.8		
Horas semanais <i>online</i>				
1 a 4 horas	25	10.2		
4 a 8 horas	47	19.2		
9 a 12 horas	57	23.3		
13 a 16 horas	48	19.6		
acima de 17 horas	68	27.8		
Atividades <i>online</i>				
informação	138	56.3		
entretenimento	203	82.9		
pesquisas académicas	158	64.5		
redes sociais	210	85.7		

No que concerne à caracterização do agregado familiar dos participantes, é possível afirmar que este é composto por um a oito membros ( $M = 3.65$ ;  $DP = 0.95$ ). Relativamente à idade da figura materna, esta varia entre o 36 e os 67 anos ( $M = 49.61$ ;  $DP = 5.87$ ), enquanto que as idades das figuras paternas variam entre 33 e os 80 anos ( $M = 51.53$ ;  $DP = 6.64$ ), o que sugere que em geral, as figuras paternas são mais velhas, do que as figuras maternas.

## 2.5. Instrumentos

Para a compreensão da relação das variáveis supramencionadas, foi necessário proceder à recolha de informação. Como tal, foi construído um protocolo de recolha de dados constituído pelos instrumentos a seguir descritos.

### 2.5.1. *Questionário Sociodemográfico*

De forma a caracterizar a população em estudo, foi desenvolvido um questionário sociodemográfico com questões pertinentes ao mesmo. Os participantes foram questionados sobre a sua idade, género, ano de escolaridade, curso que frequentam, caracterização do agregado familiar, média de horas despendidas na internet e ainda as atividades *online* mais frequentes (cf. Anexo A).

### 2.5.2. *Appearance-based Rejection Sensitivity Scale (ARS Scale) 10-scenario version (Park, 2007)*

A *ARS Scale* é uma escala composta originalmente por 15 situações hipotéticas (Park, 2007). No entanto, neste estudo será utilizada a versão curta da *ARS Scale* de 10 situações, com vista a tornar o questionário menos extenso para os participantes. Esta versão apresentou uma consistência interna muito boa ( $\alpha$  de Cronbach = .91) no estudo de Park e Pinkus (2009), que foi semelhante à obtida na presente investigação ( $\alpha$  de Cronbach = .92). Importa, ainda referir que a escala foi traduzida e adaptada para a população portuguesa pela primeira vez.

Cada item corresponde a uma situação hipotética, que pode ocorrer na vida do indivíduo (e.g. “Durante um jantar num restaurante, reparas que o teu par está a olhar para uma pessoa atraente que está do outro lado da sala.”). Em cada item, são colocadas duas questões. A primeira faz referência ao quão preocupado ou ansioso o indivíduo ficaria por poder ser rejeitado devido à sua aparência física (e.g. “Quão preocupado/a ou ansioso/a

estarias por o teu par poder estar menos interessado/a em ti devido à tua aparência?”). A resposta é dada segundo uma escala de *Likert* de seis pontos, em que o um representa “nada preocupado/a” e o seis representa “muito preocupado/a”. Já a segunda questão faz referência à expectativa do indivíduo sobre a reação do outro (e.g. “Eu esperaria que o meu par estivesse menos interessado/a em mim devido à minha aparência.”). As pontuações são calculadas através da multiplicação do grau de preocupações e o grau de expectativa de rejeição, por item. Seguidamente, é calculada a média das pontuações, que quanto mais alta se revelar maior o nível de SRA (Park & Pinkus, 2009).

### ***2.5.3. Problematic Internet Use Questionnaire – PIUQ (Demetrovics, Szeredi & Rózsa, 2008)***

O PIUQ é uma escala de 18 itens, que avalia a utilização problemática da internet. Neste questionário existe uma escala global que avalia o uso problemático da internet e três subescalas, cada uma com seis itens (Demetrovics et al., 2008). A primeira subescala é intitulada de obsessão, uma vez que avalia o comprometimento mental, bem como os sintomas de ansiedade e preocupação associados ao uso da internet (e.g. “Quão frequentemente fantasias sobre o uso da Internet ou pensas em como seria se estivesses *online* quando não estás a usar a Internet?”). A segunda subescala avalia a negligência das tarefas diárias, que ocorre devido à utilização problemática da internet (e.g. “Com que frequência deixas de fazer as tarefas domésticas para passares mais tempo *online*?”). Já a terceira subescala avalia as dificuldades de controlo na utilização da internet (e.g. “Com que frequência sentes que deves diminuir o tempo que passas *online*?”). As respostas possíveis foram classificadas segundo uma escala de *Likert* de cinco pontos, em que um representa “Nunca”, dois representa “Raramente”, três representa “Às vezes”, quatro representa “Regularmente” e cinco representa “Sempre”. As pontuações são calculadas através da soma da totalidade dos itens, que quanto mais elevada se revelar, maior será o uso problemático

da internet (Ranjbar, Thatcher, Greyling, Arab & Narsi, 2014). De notar que a escala foi traduzida e adaptada para a população portuguesa pela primeira vez, apresentando um alfa de Cronbach de .87 para a escala global, o que revela uma boa consistência interna. Relativamente às subescalas, as relativas à obsessão e controlo, semelhante à escala global, demonstraram boa consistência interna de .79 e .78 respetivamente. Já a subescala negligência apresentou uma consistência interna aceitável de .63.

#### ***2.5.4. Escala de solidão da UCLA (Russel, Peplau & Cutrona, 1980; Adaptação da Versão Portuguesa de Neto, 1989)***

A Escala de solidão da UCLA é constituída por 18 itens, que avaliam vários constructos psicológicos associados ao sentimento de solidão (e.g. “Sinto-me excluído/a”) (“. As respostas são recolhidas por meio de escolhas múltiplas com quatro opções (“1-nunca”, “2- raramente”, “3-algumas vezes” e “4-muitas vezes”) (Fernandes & Neto, 2009). A cotação é feita através da soma das pontuações e quanto maior o resultado maior o sentimento de solidão, sendo que a pontuação varia entre 18 e 72 pontos. Esta escala revelou uma boa consistência interna aquando a sua tradução para a população portuguesa, revelando um alfa de Cronbach de .87 (Neto, 1989). O presente estudo revelou uma consistência interna muito boa, através de um alfa de Cronbach de .93.

#### ***2.5.5. Questionário de aceitação-rejeição parental: Pai/ Mãe (Versão Curta) (Rohner, 2004)***

A versão curta dos questionários da perceção de aceitação-rejeição parental é constituída por 24 itens (e.g. “Parecia não gostar de mim.”), cujas respostas possíveis são “Quase nunca é verdade”, “Raramente é verdade”, “Algumas vezes é verdade” e “Quase sempre é verdade”, representando assim uma escala de *Likert* de quatro pontos. Este inventário é ainda subdividido em quatro subescalas, sendo elas a subescala do carinho, a

subescala da hostilidade/agressividade, a subescala da negligência/ indiferença e a subescala da rejeição indiferenciada. A cotação da escala global e das subescalas é feita através da soma da totalidade dos seus itens, sendo que a escala global se refere à percepção de rejeição por parte das figuras parentais (Rohner & Khaleque, 2005).

Relativamente à análise da consistência interna dos questionários da aceitação-rejeição parental, as escalas globais tanto da versão paterna ( $\alpha$  de Cronbach = .52), como da versão materna ( $\alpha$  de Cronbach = .56) revelaram valores aceitáveis. Relativamente às subescalas de ambas as versões, estas apresentam valores que sugerem muito boa consistência, sendo eles .95 na subescala carinho/afeto, .83 na subescala hostilidade/agressividade, .87 na subescala negligência/indiferença e .84 na subescala de rejeição indiferenciada, referentes à versão paterna. A versão materna apresenta resultados semelhantes, como .93 na subescala carinho/afeto, .80 na subescala hostilidade/agressividade, .86 na subescala negligência/indiferença e .85 na subescala de rejeição indiferenciada.

## 2.6. Procedimentos

Relativamente aos procedimentos utilizados para a recolha e análise da informação, o primeiro passo foi a construção de um protocolo de recolha de dados *online*, constituído pelos instrumentos anteriormente referidos, através da plataforma *Survio*. Para além do protocolo, foi colocado *online* o consentimento informado (cf. Anexo B), para que os participantes confirmassem o ano de escolaridade que frequentavam (critério de inclusão) e tomassem conhecimento de que a participação era voluntária e podia ser interrompida a qualquer momento. Após o protocolo estar disponível *online*, procedeu-se à divulgação do mesmo, através de redes sociais como *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*.

Relativamente à análise dos dados recolhidos, após findar a recolha (entre Abril e Junho de 2019) foi elaborada uma base de dados no programa *Statistical Package for the*

*Social Sciences* ([SPSS], versão 26.0), a qual foi explorada através de análises descritivas, correlacionais e de regressão.

### CAPÍTULO III. Apresentação e discussão de resultados

#### 3.1. Resultados

No presente capítulo serão apresentados os resultados da análise estatística dos dados recolhidos. Primeiramente, importa explorar as análises descritivas das principais variáveis do estudo (cf. Tabela 2), ou seja, percepção de aceitação-rejeição de ambas as figuras parentais, uso problemático da internet, SRA e sentimento de solidão. A Tabela 2 mostra que os indivíduos, na sua generalidade, apresentam níveis de SRA baixos ( $M = 12.28$ ;  $DP = 7.24$ ). Relativamente ao uso problemático da internet, os participantes demonstraram utilizar de forma adequada a internet ( $M = 36.42$ ;  $DP = 9.40$ ). A escala de solidão da UCLA, que avalia o sentimento de solidão, revelou que a maioria dos participantes se encontra satisfeito com a sua integração social ( $M = 32.76$ ;  $DP = 10.31$ ). Quanto à percepção de aceitação paterna ( $M = 40.58$ ;  $DP = 15.10$ ) e materna ( $M = 33.45$ ;  $DP = 11.60$ ), os resultados são ligeiramente superiores. No entanto não atingem o valor do ponto médio de referência, tanto na escala global como nas subescalas, pelo que se considera que a globalidade dos participantes percebe a aceitação por parte de ambas as figuras parentais. De salientar que não foram encontradas informações nos artigos originais de validação dos questionários referentes ao estudo do uso problemático da internet, da SRA e do sentimento de solidão, sobre o ponto médio de referência, pelo que foi utilizado o ponto médio das escalas como valor de referência de análise.

#### Tabela 2.

*Análises descritivas das variáveis em estudo*

<i>Variável</i>	<i>Ponto Médio de Referência</i>	<i>Min-Max</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
-----------------	----------------------------------	----------------	----------	-----------

Sensibilidade à rejeição baseada na aparência	30	1-35	12,28	7,24
Uso problemático da internet	45	18-64	36,42	9,40
Negligência	15	6-21	12,64	3,19
Obsessão	15	6-24	10,51	3,64
Controlo	15	6-27	13,26	4,14
Sentimento de solidão	36	18-66	32,76	10,31
Perceção de aceitação-rejeição da figura paterna	60	24-96	40,58	15,10
Carinho/Afeto	20	8-32	25,01	6,70
Hostilidade/Agressividade	15	6-24	8,84	3,66
Negligência/Indiferença	15	6-24	10,98	4,39
Rejeição Indiferenciada	10	4-16	5,78	2,76
Perceção de aceitação-rejeição da figura materna	60	24-82	33,45	11,60
Carinho/Afeto	20	11-32	28,68	4,72
Hostilidade/Agressividade	15	6-20	8,32	3,08
Negligência/Indiferença	15	6-23	8,74	3,49
Rejeição Indiferenciada	10	4-16	5,06	2,06

### 3.1.1. Relação entre a perceção de rejeição parental e o uso problemático da internet

Considerando os problemas de investigação formulados anteriormente, assim como as suas respetivas hipóteses, realizou-se o estudo das correlações entre as variáveis, com o objetivo de determinar o grau de associação entre as mesmas. Foi utilizado o teste de *Spearman*, uma vez que algumas variáveis não apresentaram uma distribuição normal. Relativamente à associação entre a perceção de rejeição da figura paterna e o uso problemático de tecnologias, os dados (cf. Tabela 3) revelam que existe uma relação significativa e positiva entre a perceção de rejeição e o uso problemático da internet ( $r = .25$ ;  $p \leq .01$ ). Assim sendo, quando os jovens portugueses percecionam rejeição da figura paterna, apresentam maiores níveis de utilização problemática da internet. Estes resultados revelam-se congruentes com o estudo de Zhu e colaboradores (2019), sobre a perceção de rejeição parental e o uso do telemóvel. Adicionalmente, existe ainda uma correlação negativa entre a perceção de carinho da figura paterna e o uso problemático da internet ( $r = -.20$ ;  $p < .01$ ). Isto significa que quanto mais carinho os jovens percecionarem da figura paterna, menores probabilidades terão de desenvolver uma utilização problemática da internet.

**Tabela 3.***Correlação entre a percepção de rejeição paterna e o uso problemático da internet*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Percepção de Rejeição Paterna	---								
2. Carinho/ afeto	-.91**	---							
3. Hostilidade/ agressividade	.71**	-.51**	---						
4. Negligência/ indiferença	.90**	-.76**	.55**	---					
5. Rejeição Indiferenciada	.78**	-.62**	.61**	.67**	---				
6. Uso problemático da internet	.25**	-.20**	.30**	.23**	.18**	---			
7. Obsessão	.23**	-.18**	.27**	.23**	.18**	.83**	---		
8. Negligência	.23**	-.19**	.28**	.21**	.16*	.85**	.60**	---	
9. Controlo	.17**	-.14*	.21**	.17**	.10	.87**	.57**	.63**	---

\* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ .

Quando analisada a relação entre a percepção de rejeição da figura materna e o uso problemático das tecnologias (cf. Tabela 4), os resultados mostram-se semelhantes aos supramencionados. Ou seja, existe uma correlação positiva e significativa entre a percepção de rejeição da figura materna e o uso problemático da internet ( $r = .21$ ;  $p \leq .01$ ), o que permite aferir que quando os jovens portugueses percecionam a sua figura materna como rejeitante, aumentam a probabilidade de utilizar de forma inadequada a internet. Contrariamente, quando a figura materna é percecionada como sendo carinhosa, os participantes revelam menor probabilidade de utilizar a internet de forma problemática ( $r = -.13$ ;  $p < .05$ ).

Os resultados encontrados parecem sugerir que a figura paterna poderá ter um papel mais relevante no uso problemático das tecnologias, comparativamente com a figura materna.

**Tabela 4.***Correlação entre a percepção de rejeição materna e o uso problemático da internet*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Percepção de Rejeição Materna	---								
2. Carinho/ afeto	.85**	---							
3. Hostilidade/ agressividade	.81**	-.54**	---						

4. Negligência/ indiferença	.88**	-.71**	.60**	---				
5. Rejeição Indiferenciada	.73**	-.58**	.67**	.62**	---			
6. Uso problemático da internet	.21**	-.13*	.22**	.18**	.12	---		
7. Obsessão	.18**	-.11	.16*	.13*	.10	.83**	---	
8. Negligência	.24**	-.16*	.26**	.22**	.14*	.85**	.60**	---
9. Controlo	.13*	-.06	.14*	.12	.07	.87**	.57**	.63**

\* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ .

### ***3.1.2. Relação entre a percepção de rejeição parental e a sensibilidade à rejeição baseada na aparência***

No que concerne à possível relação entre a percepção de rejeição da figura paterna e elevados níveis de SRA (cf. Tabela 5), a presente investigação sugere que existe uma relação positiva e significativa entre a percepção de rejeição paterna e o aumento dos níveis de SRA ( $r = .21$ ;  $p \leq .01$ ), o que é congruente com o estudo sobre a sensibilidade à rejeição e a percepção de rejeição parental de Arshad e colaboradores (2018). Adicionalmente, procurou-se estudar a relação destas duas variáveis tanto em homens como em mulheres. Os resultados demonstram que a aceitação paterna aparenta ter maior importância para os homens construir uma percepção segura e confiante sobre a sua aparência física ( $r = -.34$ ;  $p \leq .05$ ). Pelo contrário, quando existe uma rejeição de pai para filho, os níveis de SRA tendem a aumentar ( $r = .42$ ;  $p \leq .01$ ). No caso das mulheres, o carinho da figura paterna também parece relacionar-se com níveis mais baixos de SRA ( $r = -.17$ ;  $p \leq .05$ ), mas de uma forma muito menos acentuada. Isto significa que é nos homens que a opinião da figura paterna aparenta ter mais peso para a construção da identidade física.

Já no que se refere à percepção de rejeição pela figura materna, associada aos níveis de SRA (cf. Tabela 5), quando a figura materna é percebida como rejeitante, aumentam os níveis de SRA ( $r = .24$ ;  $p \leq .01$ ). Igualmente, são os homens que apresentam valores mais altos ( $r = .33$ ;  $p \leq .01$ ), o que significa que os homens necessitam mais da aceitação da figura materna para apresentarem níveis de SRA inferiores, quando comparados com as mulheres.

**Tabela 5.***Correlação entre a percepção de rejeição parental e a SRA*

	SRA Total	SRA Masculino	SRA Feminino
1. Percepção de Rejeição Paterna	.21**	.42**	.16*
2. Carinho/ afeto	-.21**	-.34*	-.17*
3. Hostilidade/ agressividade	.15*	.50**	.08
4. Negligência/ indiferença	.21**	.39**	.18*
5. Rejeição Indiferenciada	.15*	.29*	.13
1. Percepção de Rejeição Materna	.24**	.33*	.22**
2. Carinho/ afeto	-.25**	-.30*	-.24**
3. Hostilidade/ agressividade	.14**	.17	.13
4. Negligência/ indiferença	.21**	.30*	.18*
5. Rejeição Indiferenciada	.24**	.29*	.23**

\* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ .**3.1.3. Relação entre a percepção de rejeição parental e o sentimento de solidão**

Os resultados demonstram que existe uma relação positiva e significativa entre a percepção de rejeição da figura paterna e o sentimento de solidão (cf. Tabela 6), ou seja, quando os jovens percebem as atitudes dos pais como rejeitantes, aumentam a probabilidade de apresentar insatisfação com a sua integração social ( $r = .38$ ;  $p \leq .01$ ). Pelo contrário, quanto mais os jovens perceberem atitudes carinhosas menor será o sentimento de solidão ( $r = -.37$ ;  $p \leq .01$ ).

O mesmo acontece com a percepção de rejeição da figura materna (cf. Tabela 6). De notar, que as associações entre percepção de aceitação-rejeição pela figura materna são bem mais fortes do que as da figura paterna, o que parece indicar que a qualidade da relação com a figura materna possa ter um maior impacto no sentimento de solidão, quando esta é percebida como rejeitante ( $r = .45$ ;  $p \leq .01$ ). Em geral, os resultados estão em congruência com a literatura científica previamente apresentada, nomeadamente com os trabalhos de Turner e colaboradores (2001), que indicam que quando os jovens percebem as figuras significativas como rejeitantes, há uma maior probabilidade de se sentirem solitários.

**Tabela 6.***Correlação entre a percepção de rejeição parental e o sentimento de solidão*

	Sentimento de solidão
1. Percepção de Rejeição Paterna	.38**
2. Carinho/ afeto	-.37**
3. Hostilidade/ agressividade	.31**
4. Negligência/ indiferença	.33**
5. Rejeição Indiferenciada	.30**
1. Percepção de Rejeição Materna	.45**
2. Carinho/ afeto	-.44**
3. Hostilidade/ agressividade	.34**
4. Negligência/ indiferença	.42**
5. Rejeição indiferenciada	.36**

\*\*p&lt;.01.

**3.1.4. Relação entre o uso problemático da internet e os níveis de SRA**

Os resultados referentes ao estudo da possível relação entre a utilização problemática da internet e os níveis de SRA sugerem que, existe uma relação positiva e significativa entre ambas ( $r = .28$ ;  $p \leq .01$ ). Assim, quando existe uma utilização problemática da internet, aumentam os níveis de SRA. Apesar de não serem encontrados estudos que se debrucem diretamente sobre estas variáveis, é possível confirmar a hipótese previamente colocada, uma vez que a SRA está intimamente relacionada com o bem-estar psicológico e que este é influenciado pelo uso das tecnologias (Ricciardelli & McCabe, 2001; Ruiz et al., 2017).

**3.1.5. Relação entre os níveis de SRA e o sentimento de solidão**

Relativamente à relação entre níveis de SRA e o sentimento de solidão, os resultados sugerem que quanto mais elevados os níveis de SRA, maior a solidão ( $r = .44$ ;  $p \leq .01$ ). Assim, e referindo novamente que não existem muitos estudos sobre esta relação, é possível confirmar a hipótese colocada, uma vez que níveis elevados de SRA representam um preditor de ansiedade social (Linardon, Braithwaite, Cousins & Brennan, 2017), que pode levar ao evitamento de situações sociais.

**3.1.6. Percepção de rejeição parental como preditor do uso problemático da internet**

Com o objetivo de compreender se a rejeição parental se constitui um fator preditor da utilização problemática da internet, dos níveis elevados de SRA e da solidão, foram

realizadas análises de regressão linear. Estas análises foram realizadas tendo por base os resultados das análises correlacionais, que se revelaram significativos, sugerindo assim a possibilidade de existirem efeitos preditores. No que concerne à percepção de rejeição paterna como preditor do uso problemático da internet, os resultados (cf. Tabela 7) sugerem que quando os jovens percecionam a figura paterna como rejeitante, apresentam níveis mais elevados de uso problemático da internet ( $\beta = .20$ ;  $p \leq .01$ ). Igualmente, os resultados sugerem que a percepção de rejeição materna também se constitui como preditor do uso problemático da internet ( $\beta = .19$ ;  $p \leq .01$ ) (cf. Tabela 7).

**Tabela 7.**

*Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição parental (variáveis independentes) e o uso problemático da internet (variável dependente)*

Preditor	Uso problemático da internet			
	<i>t</i>	$\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$
Constante	18.57		.04	.03
Percepção de rejeição Paterna (Escala Global)		.20**		
Constante	17.26		.04	.03
Percepção de rejeição Materna (Escala Global)		.19**		

\*\* $p < .01$ .

Recorrendo a uma análise mais aprofundada, os dados obtidos mostram que a percepção de rejeição paterna se afigura como um preditor do sentimento de preocupação e ansiedade associado ao uso da internet ( $\beta = .19$ ;  $p \leq .01$ ) (cf. Tabela 8). Igualmente, a percepção de rejeição paterna prediz comportamentos de negligência da vida diária em prol do uso da internet ( $\beta = .19$ ;  $p \leq .01$ ). E de forma semelhante, esta percepção parece assumir-se como um preditor da perda de controlo na utilização da internet ( $\beta = .13$ ;  $p \leq .05$ ).

**Tabela 8.**

*Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição paterna (variáveis independentes) e as subescalas do uso problemático da internet (variáveis dependentes)*

Preditores	Obsessão				Negligência				Controlo			
	<i>t</i>	$\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$	<i>t</i>	$\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$	<i>t</i>	$\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$
Constante	13.14		.04	.03	19.16		.03	.03	15.60		.02	.01
Percepção de rejeição Paterna		.19**				.19**				.13*		
Constante	13.10		.01	.01	17.96		.02	.01	13.85		.00	.00
Carinho/afeto		-.09				-.12				-.06		
Constante	14.04		.06	.06	21.10		.04	.04	16.79		.03	.03
Hostilidade/agressividade		.25**				.21**				.18**		
Constante	13.88		.05	.04	20.32		.04	.04	16.44		.03	.02
Negligência/ indiferença		.22**				.21**				.16*		
Constante	17.65		.02	.02	25.31		.01	.01	20.28		.01	.01
Rejeição indiferenciada		.14*				.10				.10		

\* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ .

Ao analisar as subescalas do uso problemático da internet, a preocupação e ansiedade com a utilização da internet parece ser justificada pela percepção de rejeição materna ( $\beta = .16$ ;  $p \leq .05$ ) (cf. Tabela 9), nomeadamente quando é percecionada hostilidade por parte da figura materna ( $\beta = .18$ ;  $p \leq .01$ ). A percepção de rejeição materna também é preditor da negligência dos jovens sobre as tarefas diárias, em prol do uso da internet ( $\beta = .24$ ;  $p \leq .01$ ). Contudo, a percepção de rejeição materna global não parece assumir-se como um preditor da falta de controlo na utilização da internet. No entanto, quando a figura materna é percecionada como hostil/agressiva prediz a falta de controlo na utilização das tecnologias ( $\beta = .16$ ;  $p \leq .01$ ).

**Tabela 9.**

*Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição materna (variáveis independentes) e as subescalas do uso problemático da internet (variáveis dependentes)*

Preditores	Obsessão				Negligência				Controlo			
	t	$\beta$	R <sup>2</sup>	$\Delta R^2$	t	$\beta$	R <sup>2</sup>	$\Delta R^2$	t	$\beta$	R <sup>2</sup>	$\Delta R^2$
Constante	12.55		.03	.02	17.23		.06	.05	14.73		.01	.01
Percepção de rejeição Materna		.16*				.24**				.12		
Constante	-		-	-	12.84		.03	.02	-		-	-
Carinho/afeto		-				.17**				-		
Constante	13.16		.03	.03	18.29		.07	.06	15.14		.03	.02
Hostilidade/agressividade		.18**				.26**				.16**		
Constante	14.55		.03	.02	20.20		.05	.04	-		-	-
Negligência/ indiferença		.16				.22**				-		
Constante	-		-	-	20.92		.04	.03	-		-	-
Rejeição indiferenciada		-				.19**				-		

\*p<.05; \*\*p<.01.

### **3.1.7. Percepção de rejeição parental como preditor do sentimento de solidão**

Quando analisada a possibilidade de a percepção de rejeição paterna ser um preditor do sentimento de solidão, os resultados confirmam a hipótese anteriormente colocada ( $\beta = .37$ ;  $p \leq .01$ ) (cf. Tabela 10). Ou seja, o sentimento de solidão pode ser explicado devido à percepção de rejeição paterna.

No que concerne à análise da percepção da rejeição materna como preditor do sentimento de solidão, os resultados apresentam-se como estatisticamente significativos ( $\beta = .44$ ;  $p \leq .01$ ), o que significa que a percepção de rejeição materna prediz o sentimento de solidão (cf. Tabela 10).

**Tabela 10.**

*Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição parental (variáveis independentes) e o sentimento de solidão (variável dependente)*

Preditor	Sentimento de Solidão			
	<i>t</i>	$\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$
Constante	12.81		.13	.13
Percepção de rejeição Paterna (Escala Global)		.37**		
Constante	10.87		.19	.19
Percepção de rejeição Materna (Escala Global)		.44**		

\*\* $p < .01$ .

### 3.1.8 . Percepção de rejeição parental como preditor de níveis elevados de SRA

Explorando se a percepção de rejeição paterna se qualifica como preditor da SRA, os resultados apontam para que a percepção de rejeição paterna seja um preditor de níveis elevados de SRA ( $\beta = .18$ ;  $p \leq .01$ ) (cf. Tabela 11). Considerando que a percepção de rejeição paterna demonstrou uma correlação mais forte com os níveis elevados de SRA no sexo masculino, procurou-se estudar se efetivamente a primeira variável se constitui um preditor de níveis elevados de SRA no sexo masculino. Os resultados sugerem que, o facto de os filhos percecionarem os seus pais como sendo hostis e agressivos, prediz níveis mais elevados de SRA ( $\beta = .43$ ;  $p \leq .01$ ).

**Tabela 11.**

*Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição paterna (variáveis independentes) e a SRA (variável dependente)*

Preditor	SRA Total				SRA Masculino			
	<i>t</i>	$\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$	<i>t</i>	$\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$
Constante	6.73		.03	.03	1.45		.13	.11
Percepção de rejeição Paterna		.18**				.36**		
Constante	9.30		.02	.02	4.55		.05	.03
Carinho/afeto		-.16*				-.22		
Constante	8.03		.02	.02	1.56		.18	.17

Hostilidade/ agressividade		.15*			.43**		
Constante	7.40		.03	.03		.12	.11
Negligência/ indiferença		.17**			.35*		
Constante	9.84		.01	.01		.05	.04
Rejeição indiferenciada		.12			.22		

\*p<.05; \*\*p<.01.

Finalmente, a percepção de rejeição materna afigura-se como preditor de níveis elevados de SRA ( $\beta = .21$ ;  $p \leq .01$ ) (cf. Tabela 12). Contrariamente, a percepção da figura materna como sendo carinhosa, prediz níveis inferiores de SRA ( $\beta = -.19$ ;  $p \leq .01$ ). Como a percepção de rejeição materna se relaciona de forma mais forte com a SRA no caso dos participantes do sexo masculino, foi analisado se esta percepção prediz níveis elevados de SRA em indivíduos deste sexo. Os dados mostram que a percepção da figura materna como negligente se constitui um preditor de elevados níveis de SRA no sexo masculino ( $\beta = .40$ ;  $p \leq .01$ ).

### Tabela 12.

*Análises de regressão linear entre a percepção de rejeição materna (variáveis independentes) e a SRA (variável dependente)*

Preditor	SRA Total				SRA Masculino			
	t	$\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$	t	$\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$
Constante	5.71		.04	.04	1.72		.12	.10
Percepção de rejeição Materna		.21**				.35*		
Constante	7.40		.04	.03	4.25		.07	0.5
Carinho/afeto		-.19**				-.26		
Constante	7.48		.01	.01	-		-	-
Hostilidade/ agressividade		.12				-		
Constante	6.85		.05	.04	1.77		.16	.14
Negligência/ indiferença		.21**				.40**		
Constante	7.34		.04	.03	2.44		.11	.09
Rejeição indiferenciada		.19**				.33		

\*p<.05; \*\*p<.01.

### 3.2. Discussão dos resultados

O presente estudo teve como objetivo principal estudar a relação entre a percepção de rejeição parental com o uso problemático da internet, a SRA e o sentimento de solidão. Para este fim, foram elaboradas seis questões de investigação que carecem de uma análise aprofundada, com vista à sua confirmação ou rejeição.

No que concerne ao primeiro problema de investigação colocado, este procurava compreender a possibilidade de relação entre a percepção de rejeição parental e o uso problemático da internet. A hipótese formulada, com base na literatura científica revista, é que de facto poderia existir uma relação positiva entre ambas as variáveis, ou seja, quanto mais os jovens percecionam a rejeição parental, maior o uso problemático das tecnologias (Sultana & Uddin, 2019). De acordo com a análise estatística elaborada, confirma-se a hipótese previamente formulada. Deste modo, confirma-se que quanto mais os jovens portugueses percecionam as suas figuras parentais como rejeitantes, mais problemático será o uso da internet. Considerando que os jovens que experienciaram rejeição por parte das figuras parentais têm uma maior probabilidade de demonstrar comportamentos insensíveis (Waller et al., 2018) e que o uso da internet está a aumentar de forma substancial (Király et al., 2020), seria de extrema pertinência compreender de que forma a percepção de rejeição parental pode levar a comportamentos desajustados no uso da tecnologia, como por exemplo o cyberbullying, a fim de orientar a prática dos psicólogos nesta problemática crescente (António, 2020). Importa ainda notar que a rejeição paterna aparenta ter um maior impacto no uso problemático da internet, comparativamente com a rejeição materna.

Adicionalmente, e visto que os resultados revelaram ser significativos, procedeu-se ao estudo das regressões simples, com o objetivo de compreender se a percepção de rejeição parental pode constituir-se como um preditor do uso problemático das tecnologias. Os resultados obtidos confirmam a percepção de rejeição como preditor do uso problemático das

tecnologias. Além disso, de acordo com os resultados, a rejeição parental demonstra ser um preditor mais forte na subescala negligência do uso problemático da internet, o que significa que quando os/as adolescentes/jovens adultos/as percebem as figuras parentais como rejeitantes, tendem a negligenciar tarefas do seu quotidiano. Este facto pode sugerir que a vida académica dos estudantes pode ser afetada pela percepção de rejeição parental, através dos efeitos que esta tem sobre o uso problemático da internet, nomeadamente quando aumenta a possibilidade de os jovens negligenciarem tarefas diárias associadas ao estudo. Deste modo, o rendimento e o sucesso académico dos jovens podem estar em risco, quando é percebida rejeição parental.

Relativamente ao estudo da possível relação entre SRA e percepção de rejeição parental, os estudos apontam para que haja uma relação positiva, pois a SR está significativamente associada à percepção de rejeição parental (Arshad et al., 2018). Os resultados obtidos confirmam a hipótese colocada, sendo que a opinião paterna e materna sobre a aparência física tem maior peso no sexo masculino, uma vez que, em geral, os participantes do sexo masculino apresentaram valores mais fortes de SRA, quando associada à percepção rejeição parental. Este dado é bastante relevante, pois por norma os estudos referentes à SRA focam-se apenas no impacto desta problemática em adolescentes/jovens adultos do sexo feminino (Downey & Feldman, 1996; Ricciardelli & McCabe, 2001). Neste sentido, seria importante a existência de mais estudos sobre o impacto da percepção de rejeição parental e da SRA em adolescentes/jovens adultos do sexo masculino. Esta investigação acrescenta ainda que a percepção de rejeição parental é um preditor de níveis elevados de SRA.

No que respeita à possível relação entre a percepção de rejeição parental e o sentimento de solidão, estabeleceu-se como hipótese de que esta seria positiva, isto é, quanto mais os jovens perspetivarem as suas figuras parentais como rejeitantes, maior será o

sentimento de solidão dos mesmos (ISIPAR, 2019; Molaver, 2016; Turner et al., 2001). Os resultados obtidos confirmam a hipótese estabelecida, sugerindo que a percepção de rejeição por parte da figura materna parece ter um efeito mais forte no sentimento de solidão, do que a figura paterna. Novamente, foram calculadas regressões simples com vista a analisar se a percepção de rejeição parental se afigura como um preditor do sentimento de solidão. Os resultados mostram-se estatisticamente significativos, o que torna possível afirmar que a rejeição parental, tanto da figura paterna como da figura materna, é um preditor da solidão.

Referentemente à possível relação entre o uso problemático da internet e os níveis de SRA, sugeriu-se a hipótese de que níveis elevados de utilização problemática da internet estariam associados a níveis elevados de SRA. As correlações destas variáveis sugerem que existe uma associação entre utilização problemática da internet e elevados níveis de SRA, confirmando assim a hipótese colocada. Este resultado é congruente com a literatura, uma vez que vários estudos comprovam a existência de uma correlação negativa e significativa entre o bem-estar, diretamente associado aos níveis de SRA (Ricciardelli & McCabe, 2001), e o uso problemático das tecnologias (Lin et al., 2016; Ruiz et al., 2017). Além disto, os meios digitais permitem a exploração de conteúdos que podem promover a comparação entre pares (Tiggeman & Zaccardo, 2015), o que pode prejudicar a percepção da imagem corporal e levar a níveis elevados de SRA (Cook-Cottone, 2006; Park et al., 2009) e, conseqüentemente, a níveis inferiores de ajustamento psicológico (Perloff, 2014).

Finalmente, no que concerne ao estudo de uma possível relação entre os níveis de SRA e o sentimento de solidão, a hipótese colocada sugeria que níveis elevados de SRA estariam associados a níveis elevados de solidão. As análises das correlações mostram efetivamente que elevados níveis de SRA estão associados a um maior sentimento de solidão, o que confirma a hipótese anteriormente referida. Estes resultados são semelhantes

aos de outras investigações, que debruçaram o seu trabalho na tentativa de compreender o impacto da SRA na ansiedade social (Linardon et al., 2017).

### **3.3. Considerações finais**

A presente investigação teve como objetivo estudar a relação entre a perceção de rejeição parental, o uso problemático da internet, a SRA e o sentimento de solidão. Através dos resultados obtidos, pensa-se que seria pertinente a realização de mais estudos nesta temática, uma vez que os estudos existentes são escassos e não abordam o fenómeno na população portuguesa.

Considerando o impacto que a perceção de rejeição parental tem para uma utilização problemática das tecnologias, para níveis elevados de SRA e para o aumento de sentimentos de solidão, seria igualmente importante estudar qual o impacto que outras figuras significativas podem ter nas variáveis em estudo. Além disso, ao saber que, indivíduos que percecionam as atitudes dos seus pais como aceitantes demonstram uma melhor utilização da internet, menores níveis de SRA e de sentimento de solidão, parece pertinente a implementação de programas de desenvolvimento de competências sócioemocionais, destinados a pais, alunos/as e também professores, com o objetivo de promover a adoção de verbalizações, comportamentos e atitudes aceitantes. Através desta estratégia seria possível promover o ajustamento psicológico dos estudantes, mas também da comunidade educativa.

Numa época em que a utilização da internet é cada vez maior, torna-se fundamental compreender qual o papel das figuras parentais na gestão da sua utilização. Através destes estudos, será possível estabelecer uma ponte entre a teoria e a prática profissional a fim de criar formações, destinadas a figuras parentais, que informem sobre os impactos que uma utilização ajustada da internet tem no ajustamento psicológico dos jovens. A isto, acrescenta-se a necessidade de sensibilizar aos pais quanto à importância das suas atitudes carinhosas, atentas e empáticas na prevenção de comportamentos problemáticos associados à utilização

da internet. Isto é, não basta informar os/as filhos/as dos perigos de uma utilização problemática da internet e reger o seu uso através de medidas educativas, é também importante ter em atenção que a expressão de afeto, de carinho, no âmbito das relações familiares, nomeadamente pai-filho/a e mãe-filho/a, é um fator relevante para uma utilização problemática da internet. Neste sentido, as escolas poderiam propor *workshops* no âmbito da IPARTheory, com o objetivo de demonstrar às figuras parentais o impacto que estas podem ter no desenvolvimento global saudável dos/as seus/as filhos/as. Além disso, os estabelecimentos de ensino podem ser um meio de difusão de informação, caso disponibilizem formações a alunos/as e às suas figuras significativas, nomeadamente pais e professores, sobre a utilização saudável da internet.

Adicionalmente, como Bowker e colaboradores (2012) revelam que os níveis de SRA na adolescência são influenciados pelas relações de qualidade entre pares do sexo oposto (Carlson & Rose, 2007), seria interessante o estudo da perceção de aceitação do par íntimo e o seu impacto no uso da internet, no sentimento de solidão e SRA. Além disso, seria também importante estudar o impacto da SRA em jovens do sexo masculino, uma vez que parece haver uma lacuna na literatura científica sobre este tema. Ainda a respeito da SRA e do sentimento de solidão, seria importante que no contexto educativo houvesse um trabalho de sinalização de jovens que apresentem sinais de elevados níveis de SRA e de solidão, uma vez que colocam em causa o ajustamento psicológico e conseqüentemente o rendimento académico.

Por fim, seria também pertinente realizar análises de comparações, com vista a identificar se o fenómeno se distingue consoante o sexo ou até faixas etárias.

### Referências

- Ali, S., Khatun, N., Khaleque, A., & Rohner, R. P. (2019). They love me not: A meta-analysis of relations between parental undifferentiated rejection and offspring's psychological maladjustment. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 50(2), 185-199. <https://doi.org/10.1177/0022022118815599>
- António, R. (2020, Setembro 15). *Maioria dos estudantes foi vítima de cyberbullying durante a pandemia*. ISCTE. <https://www.iscte-iul.pt/noticias/1706/maioria-estudantes-vitima-de-cyberbullying-durante-pandemia>
- Arshad, A., Khadim, R. A., & Masood, A. (2018). Explaining rejection sensitivity among adolescences as a predicted by perceived differential treatment of parents. *European Online Journal of Natural and Social Sciences*, 7(3), 623-631. Retrieved from <https://european-science.com/eojnss/article/view/5386>
- Ayduk, O., Downey, G., Testa, A., Yen, Y., & Shoda, Y. (1999). Does rejection elicit hostility in rejection sensitive women?. *Social Cognition*, 17(2), 245-271. <https://doi.org/10.1521/soco.1999.17.2.245>
- Ayduk, O., Mendoza-Denton, R., Mischel, W., Downey, G., Peake, P. K., & Rodriguez, M. (2000). Regulating the interpersonal self: Strategic self-regulation for coping with rejection sensitivity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(5), 776-792. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.79.5.776>
- Baldwin, S. A., & Hoffmann, J. P. (2002). The dynamics of self-esteem: A growth-curve analysis. *Journal of Youth and Adolescence*, 31(2), 101-113. <https://doi.org/10.1023/A:1014065825598>

- Barlett, C. P., Vowels, C. L., & Saucier, D. A. (2008). Meta-analyses of the effects of media images on men's body-image concerns. *Journal of Social and Clinical Psychology, 27*(3), 279-310. <https://doi.org/10.1521/jscp.2008.27.3.279>
- Baumeister, R., & Leary, M. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin, 117*(3), 497-529. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.497>
- Baumeister, R. F., Campbell, J. D., Krueger, J. I., & Vohs, K. K. (2003). Does high self-esteem cause better performance, interpersonal success, happiness, or healthier lifestyles? *Psychological Science in the Public Interest, 4*(1), 1-44. <https://doi.org/10.1111/1529-1006.01431>
- Bearman, S. K., Presnell, K., Martinez, E., & Stice, E. (2006). The skinny on body dissatisfaction: A longitudinal study of adolescent girls and boys. *Journal of Youth and Adolescence, 35*(2), 217-229. <https://doi.org/10.1007/s10964-005-9010-9>
- Bonetti, L., Campbell, M. A., & Gilmore, L. (2010). The relationship of loneliness and social anxiety with children's and adolescent's online communication. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking, 13*(3), 279-285. <https://doi.org/10.1089/cyber.2009.0215>
- Bowker, J. C., Thomas, K. K., Spencer, S. V., & Park, L. E. (2012). Examining appearance-based rejection sensitivity during early adolescence. *Journal of Research on Adolescence, 23*(2), 375-388. <https://doi.org/10.1111/jora.12003>
- Bowlby, J. (1969). The child's tie to his mother: Attachment behavior. In J. Bowlby (Ed.), *Attachment and loss: Vol I. Attachment*. Basic Books.

- Breines, J. G., & Ayduk, O. (2015). Rejection sensitivity and vulnerability to self-directed hostile cognitions following rejection. *Journal of Personality*, 83(1), 1-13. <https://doi.org/10.1111/jopy.12077>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and by design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Carlson, W., & Rose, A. J. (2007). The role of reciprocity in romantic relationships in middle childhood and early adolescence. *Merrill-Palmer Quarterly*, 53(2), 262–290. <https://doi.org/10.1353/mpq.2007.0008>
- Carrasco, M. A., & Rohner, R. P. (2013). Parental acceptance and children's psychological adjustment in the context of power and prestige. *Journal of Child and Family Studies*, 22(8), 1130-1137. <https://doi.org/10.1007/s10826-012-9675-0>
- Carter, A., Forrest, J. I., & Kaida, A., (2017). Association between internet use and body dissatisfaction among young females: Cross-sectional analysis of the canadian community health survey. *Journal of Medical Internet Research*, 19(2), 2-11. <https://doi.org/10.2196/jmir.5636>
- Cook-Cottone, C. (2006). The attuned representation model for the primary prevention of eating disorders: An overview for school psychologists. *Psychology in the Schools*, 43(2), 223–230. <https://doi.org/10.1002/pits.20139>
- Cook-Cottone, C. P. (2015). Incorporating positive body image into the treatment of eating disorders: A model for attunement and mindful self-care. *Body Image*, 14, 158–167. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2015.03.004>

- Coplan, R. J., & Rubin, K. H. (2007). Social withdrawal in childhood: Conceptual approaches, definitions, and methodological issues. In A. S. Lo Coco, K. H. Rubin, & C. Zappulla (Eds.), *L'isolamento sociale durante l'infanzia* [Social withdrawal in childhood] (pp.1-24). Unicopli.
- Dalbudak, E., Evren, C., Aldemir, S., Coskun, K. S., Ugurlu, H., & Yildirim, F. G. (2013). Relationship of internet addiction severity with depression, anxiety, and alexithymia, temperament and character in university students. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16(4), 272–278. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0390>
- Demetrovics, Z., Szeredi, B., & Rózsa, S. (2008). The three-factor model of internet addiction: The development of the Problematic Internet Use Questionnaire. *Behavior Research Methods*, 40(2), 563-574. <https://doi.org/10.3758/BRM.40.2.563>
- Derryberry, D., & Rothbart, M. K. (1997). Reactive and effortful processes in the organization of temperament. *Development and Psychopathology*, 9(4). <https://doi.org/10.1017/s0954579497001375>
- Downey, G., & Feldman, S. I. (1996). Implications of rejection sensitivity for intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(6), 1327-1343. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.6.1327>
- Downey, G., Freitas, A. L., Michaelis, B., & Khouri, H. (1998). The self-fulfilling prophecy in close relationships: Rejection sensitivity and rejection by romantic partners. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(2), 545-560. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.75.2.545>

- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Guthrie, I. K., & Reiser, M. (2000). Dispositional emotionality and regulation: Their role predicting quality of social functioning. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(1), 136-157. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.78.1.136>
- Ellison, N. B., Steinfield, C., & Lampe, C. (2007). The benefits of facebook “friends”: Social capital and college students’ use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12(4), 1143-1168. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00367.x>
- Fardouly, J., & Vartanian, L. R. (2016). Social media and body image concerns: Current research and future directions. *Current Opinion in Psychology*, 9, 1-5. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2015.09.005>
- Feldman, S. & Downey, G. (1994). Rejection sensitivity as a mediator of the impact of childhood exposure to family violence on adult attachment behavior. *Development and Psychopathology*, 6(1), 231-247. <https://doi.org/10.1017/S0954579400005976>
- Fernandes, H., & Neto, F. (2009). Adaptação portuguesa da Escala de Solidão Social e Emocional (SELSA-S). *Psicologia Educação e Cultura*, 13(1), 7-31.
- Ferreira, D., Santos, A. J., Ribeiro, O., Freitas, M., Correia, J. V., & Rubin, K. (2013). Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. *Análise Psicológica*, 31(2), 117-127.
- Fonte, C. A. M., Ferreira, C. M. F., & Alves, S. A. P. (2017). Estudo da saúde mental positiva em jovens adultos: Relação entre psicopatologia e bem-estar. *PSIQUE*, 13, 57-74.
- Freitas, A. L., & Downey, G. (1998). Resilience: A dynamic perspective. *International Journal of Behavioral Development*, 22(2), 263–285. <https://doi.org/10.1080/016502598384379>

- Gierveld, J. J., Tilburg, T., & Dykstra, P. A. (2006). Loneliness and Social Isolation. In A. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 485-500). Cambridge University Press.
- Hall-Lande, J. A., Eisenberg, M. E, Christenson, S. L., & Neumark-Sztainer, D. (2007). Social isolation, psychological health, and protective factors in adolescence. *Adolescence*, 42(166), 265-286.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Health Behaviour in School-Aged Children [HBSC]. (2018). *A saúde dos adolescentes portugueses após a recessão – dados nacionais de 2018*. Retrieved from [http://aventurasocial.com/publicacoes/publicacao\\_1545534554.pdf](http://aventurasocial.com/publicacoes/publicacao_1545534554.pdf)
- Holland, G., & Tiggemann, M. (2016). A systematic review of the impact of the use of social networking sites on body image and disordered eating outcomes. *Body Image*, 17, 100-110. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2016.02.008>
- Huo, Y., Binning, K. R., & Molina, L. E. (2009). Testing an integrative model of respect: Implications for social engagement and well-being. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 36(2), 200-212. <https://doi.org/10.1177/0146167209356787>
- Hu, T., Kettinger, W. J., & Poston, R. S. (2015). The effect of online social value on satisfaction and continued use of social media. *European Journal of Information Systems*, 24(4), 391–410. <https://doi.org/10.1057/ejis.2014.22>
- International Society For Interpersonal Acceptance-Rejection [ISIPAR]. (2019). *Introduction to Interpersonal Acceptance-Rejection Theory (IPARTheory) – Overview of Interpersonal*

- Acceptance-Rejection Theory (IPARTheory)*. Retrieved from <https://csiar.uconn.edu/wp-content/uploads/sites/494/2019/12/Introduction-to-IPARTheory-for-web-1.pdf>
- Keltner, D., Gruendfeld, D. H., & Anderson, C. (2003). Power, approach, and inhibition. *Psychological Review*, *110*(2), 265-284. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.110.2.265>
- Khaleque, A., & Rohner, R. P. (2002). Perceived parental acceptance-rejection and psychological adjustment: A meta-analysis of cross-cultural and intracultural studies. *Journal of Marriage and the Family*, *64*(1), 54-64. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2002.00054.x>
- Khaleque, A., Uddin, M. K., Hossain, K. N., Siddique, M. N. E. A., & Shirin, A. (2019). Perceived parental acceptance–rejection in childhood predict psychological adjustment and rejection sensitivity in adulthood. *Psychological Studies*, *64*(1), 447-454. <https://doi.org/10.1007/s12646-019-00508-z>
- Király, O., Potenza, M. N., Stein, D. J., King, D. N., Hodgins, D. C., Saunders, J. B., Griffiths, M. D., Gjonneska, B., Billieux, J., Brand, M., Abbott, M. W., Chamberlain, S. R., Corazza, O., Burkauskas, J., Sales, C. M. D., Montag, C., Lochner, C., Grunblatt, E., Wegmann, E., ... Demetrovics, Z. (2020). Preventing problematic internet use during the COVID-19 pandemic: Consensus guidance. *Comprehensive Psychiatry*, *100*, 1-4. <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2020.152180>
- Kross, E., Verduyn, P., Demiralp, E., Park, J., Lee, D. S., Lin, N., Shablack, H., Jonides, J., & Ybarra, O. (2013). Facebook use predicts declines in subjective well-being in young adults. *PLoS ONE*, *8*(8), 1-6. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0069841>

- Langlois, J. H., Kalakanis, L., Rubenstein, A. J., Larson, A., Hallam, M., & Smoot, M. (2000). Maxims or myths of beauty? A meta-analytic and theoretical review. *Psychological Bulletin*, 126(3), 390-423. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.3.390>
- Lin, B. A., Sidani, J. E., Shensa, A., Rdoovic, A., Miller, E., Colditz, J. B., Hoffman, B. L., Giles, L. M., & Primack, B. A. (2016). Association between social media use and depression among U.S. young adults. *Depression and Anxiety*, 33(4), 323-331. <https://doi.org/10.1002/da.22466>
- Linardon, J., Braithwaite, R., Cousins, R., & Brennan, L. (2017). Appearance-based rejection sensitivity as a mediator of the relationship between symptoms of social anxiety and disordered eating cognitions and behaviors. *Eating Behaviors*, 27, 27-32. <https://doi.org/10.1016/j.eatbeh.2017.10.003>
- London, B., Downey, G., Romero-Canyas, R., Rattan, A., & Tyson, D. (2012). Gender-based rejection sensitivity and academic self-silencing in women. *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(5), 961–979. <https://doi.org/10.1037/a0026615>
- Machado, M., Machado, F., Neves, S., & Fávero, M. (2014). How do parental acceptance-rejection, power, and prestige affect psychological adjustment? A quantitative study with sample of Portuguese college students. *Cross-Cultural Research*, 48(3), 295-304. <https://doi.org/10.1177/1069397114528459>
- Magnusson, D., & Stattin, H. (2006). The person in the environment: Towards a general model for scientific inquiry. In R. M. Lerner (Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (6th ed., pp. 100–464). Wiley.
- Maslow, A. (1987). A theory of human motivation. In A. H. Maslow (Ed.), *Motivation and Personality*. Harper & Row.

- McDonald, K. L., Bowker, J. C., Rubin, K. H., Laursen, B., & Duchene, M., S. (2010). Interactions between rejection sensitivity and supportive relationships in the prediction of adolescents' internalizing difficulties. *Journal of Youth and Adolescence*, 39(5), 563-574. <https://doi.org/10.1007/s10964-010-9519-4>
- Metcalfe, J., & Mischel, W. (1999). A hot/cool-system analysis of delay of gratification: Dynamics of willpower. *Psychological Review*, 106(1), 3-19. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.106.1.3>
- Molaver, A. D. (2016). Viewing loneliness from an interpersonal acceptance-rejection perspective: Pilot testing a new loneliness measure and testing the relation of loneliness to adult's remembrances of parental acceptance and rejection in childhood (Master's thesis). Retrieved from [https://opencommons.uconn.edu/gs\\_theses/917](https://opencommons.uconn.edu/gs_theses/917)
- Morahan-Martin, J., & Schumacher, P. (2003). Loneliness and social uses of the Internet. *Computers in Human Behavior*, 19(6), 659-671. [https://doi.org/10.1016/S0747-5632\(03\)00040-2](https://doi.org/10.1016/S0747-5632(03)00040-2)
- Neto, F. (1989). Avaliação da solidão. *Psicologia Clínica*, 2, 65-79.
- Nicholson, N. R. (2009). Social isolation in older adults: An evolutionary concept analysis. *Journal of Advanced Nursing*, 65(6), 1342-1352. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2008.04959.x>
- Park, L. E. (2007). Appearance-based rejection sensitivity: Implications for mental and physical health, affect and motivation. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33(4), 490-504. <https://doi.org/10.1177/0146167206296301>

- Park, L. E., DiRaddo, A. M., & Calogero, R. M. (2009). Sociocultural influence and appearance-based rejection sensitivity among college students. *Psychology of Women Quarterly*, 33(1), 108-119. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2008.01478.x>
- Park, L. E., & Pinkus, R. T. (2009). Interpersonal effects of appearance-based rejection sensitivity. *Journal of Research in Personality*, 43(4), 602-612. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2009.02.003>
- Patrão, I., & Fernandes, P. A. (2019). Dependências online: Estudo sobre a percepção da supervisão parental numa amostra de pais de crianças e jovens. In V. Monteiro, L. Mata, M. Martins, J. Morgado, J. Silva, A. Silva, & M. Gomes (Orgs.). *Educar hoje: Diálogos entre psicologia, educação e currículo* (pp. 133-140). Edições ISPA.
- Perloff, R. M. (2014). Social media effects on young women's body image concerns: Theoretical perspectives and an agenda for research. *Sex Roles: A Journal of Research*, 71(11-12), 363-377. <https://doi.org/10.1007/s11199-014-0384-6>
- Puri, A., & Sharma, R. (2016). Internet usage, depression, social isolation and loneliness amongst adolescents. *Indian Journal of Health and Wellbeing*, 7(10), 996-1003.
- Ranjbar, H., Thatcher, A., Greyling, M., Arab, M., & Nasri, N. (2014). Validation of the persian version of the Problematic Internet Use Questionnaire (PIUQ). *Iran Journal of Psychiatry*, 9(4), 248-252.
- Rasmussen, M., Meilstrup, C. R., Bendtsen P., Pedersen, T. P., Nielsen, L., Madsen, K. R., & Holstein, B. E. (2015). Perceived problems with computer gaming and internet use are associated with poorer social relations in adolescence. *International Journal of Public Health*, 60(2), 179-188. <https://doi.org/10.1007/s00038-014-0633-z>

- Ribeiro, O., Santos, A. J., Freitas, M., Correia, J. V., & Rubin, K. (2015). O retraimento social em adolescentes: Um estudo descritivo do seu ajustamento sócio-emocional segundo a perspectiva dos professores. *Temas em Psicologia*, 23(2), 255-267.  
<https://doi.org/10.9788/TP2015.2-02>
- Ricciardelli, L. A., & McCabe, M. P. (2001). Children's body image concerns and eating disturbance: A review of the literature. *Clinical Psychology Review*, 21(3), 325–344.  
[https://doi.org/10.1016/S0272-7358\(99\)00051-3](https://doi.org/10.1016/S0272-7358(99)00051-3)
- Rohner, R. P. (2004). The parental “acceptance-rejection syndrome”: Universal correlates of perceived rejection. *American psychologist*, 59(8), 830-840.  
<https://doi.org/10.1037/0003-066X.59.8.830>
- Rohner, R. P. (2019). *Introduction to Interpersonal Acceptance-Rejection Theory (IPARTheory), methods, evidence, and implications*. [Unpublished manuscript]. University of Connecticut.
- Rohner, R. P., & Khaleque, A. (2005). *Handbook for the study of parental acceptance and rejection*. USA: Rohner Research Publications.
- Rohner, R. P., Khaleque, A., & Cournoyer, D. E. (2009). *Introduction to parental acceptance-rejection theory, methods, evidence, and implications*. Retrieved from [https://www.researchgate.net/publication/252234422 Parental acceptance-rejection theory methods evidence and implications](https://www.researchgate.net/publication/252234422_Parental_acceptance-rejection_theory_methods_evidence_and_implications)
- Rohner, R. P., Melendez, T., & Kraimer-Rickaby, L. (2008). Intimate partner acceptance, parental acceptance in childhood, and psychological adjustment among American adults in ongoing attachment relationships. *Cross-Cultural Research*, 42(1), 13-22.  
<https://doi.org/10.1177/1069397107309750>

- Rubin, K. H., & Mills, R. S. L. (1988). The many faces of social isolation in childhood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56(6), 916-924. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.56.6.916>
- Rubin, K. H., Wojslawowicz, J. C., Rose-Krasnor, L., Booth-LaForce, C., & Burgess, K. B. (2006). The best friendships of shy/withdrawn children: Prevalence, stability, and relationship quality. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 34(2), 139-153. <https://doi.org/10.1007/s10802-005-9017-4>
- Ruiz, C. B., Alcázar, A. I. R., Calatayud, V. G., & Alcázar, E. R. (2017). Is there a relationship between problematic Internet use and responses of social anxiety, obsessive-compulsive and psychological well-being among adolescents?. *Anales de Psicología*, 33(2), 269-276. <https://doi.org/10.6018/analesps.33.2.265831>
- Russell, D., Peplau, L. A., & Cutrona, C. E. (1980). The Revised UCLA Loneliness Scale: Concurrent and discriminant validity Evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39(3), 472-480. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.39.3.472>
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069–1081. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.1069>
- Sanders, C. E., Field, T. M., Diego, M., & Kaplan, M. (2000). The relationship of internet use to depression and social isolation among adolescents. *Adolescence*, 35(138), 237-242.
- Sandhu, G. K., & Sharma, V. (2015). Social withdrawal and social anxiety in relation to stylistic parenting dimensions in the Indian cultural context. *Research in Psychology and Behavioral Sciences*, 3(3), 51-59.

- Sebastian, C. L., Tan, G. C. Y., Roiser, J. P., Viding, E., Dumontheil, I., & Blakemore, S. J. (2011). Developmental influences on the neural bases of responses to social rejection: Implications of social neuroscience for education. *NeuroImage*, 57(3), 686–694. <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2010.09.063>
- Sebastian, C. Viding, E., Williams, K. D., & Blakemore, S. J. (2010). Social brain development and the affective consequences of ostracism in adolescence. *Brain and Cognition*, 72(1), 134-145. <https://doi.org/10.1016/j.bandc.2009.06.008>
- Sultana, M. & Uddin, M. K. (2019). Parental rejection, depression, and internet addiction among young adults. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 34(2), 419-432. <https://doi.org/10.33824/PJPR.2019.34.2.23>
- Thomas, V., Carr, B. B., Azmitia, M., & Whittaker, S. (2020). Alone and online: Understanding the relationships between social media, solitude, and psychological adjustment. *Psychology of Popular Media*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/ppm0000287>
- Tiggemann, M., & Zaccardo, M. (2015). “Exercise to be fit, not skinny”: The effect of fitspiration imagery on women’s body image. *Body Image*, 15, 61-67. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2015.06.003>
- Turel, O., & Serenko, A. (2012). The benefits and dangers of enjoyment with social networking websites. *European Journal of Information Systems*, 21(5), 512–528. <https://doi.org/10.1057/ejis.2012.1>
- Turner, A. P., Sarason, I. G., & Sarason, B. R. (2001). Exploring the link between parental acceptance and young adult adjustment. *Cognitive Therapy and Research*, 25(2), 185-199. <https://doi.org/10.1023/A:1026420025379>

- Valenzuela, S., Park, N., & Kee, K. F. (2009). Is there social capital in a social network site?: Facebook use and college students' life satisfaction, trust, and participation. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 14(4), 875–901. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2009.01474.x>
- Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2009). The effects of instant messaging on the quality of adolescents' existing friendships: A longitudinal study. *Journal of Communication*, 59, 79-97. <http://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2008.01405.x>
- Waller, R., Hyde, L. W., Klump, K. L., & Burt, S. A. (2018). Parenting is an environmental predictor of callous-emotional traits and aggression: A monozygotic twin difference study. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 57(12), 955-963. <http://doi.org/10.1016/j.jaac.2018.07.882>
- Wojslawowicz, J. C., Rubin, K. H., Burgess, K. B., Rose-Krasnor, L., & Booth-LaForce, C. L. (2006). Behavioral characteristics associated with stable and fluid best friendship patterns in middle childhood. *Merrill-Palmer Quarterly*, 52(4), 671–693.
- Zhu, J., Xie, R., Chen, Y., & Zhang, W. (2019). Relationship between parental rejection and problematic mobile phone use in Chinese university students: Mediating roles of perceived discrimination and school engagement. *Frontiers on Psychology*, 10(428), 1-10. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00428>
- Zimmer-Gembeck, M. J., Nesdale, D., Webb, H. J., Khatibi, M., & Downey, G. (2016). A longitudinal rejection sensitivity model of depression and aggression: Unique roles of anxiety, anger, blame, withdrawal and retribution. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 44(7), 1291–1307. <https://doi.org/10.1007/s10802-016-0127-y>

**ANEXOS**

**Anexo A. Questionário sociodemográfico**

**Questionário sociodemográfico**

1. Idade: \_\_\_\_ anos
2. Sexo:  Feminino  Masculino  Intersexo
3. Encontre a estudar:

Secundário	Curso TeSP	Licenciatura	Mestrado
10º ano <input type="checkbox"/>	1º ano <input type="checkbox"/>	1º ano <input type="checkbox"/>	1º ano <input type="checkbox"/>
11º ano <input type="checkbox"/>	2º ano <input type="checkbox"/>	2º ano <input type="checkbox"/>	2º ano <input type="checkbox"/>
12º ano <input type="checkbox"/>		3º ano <input type="checkbox"/>	

4. Qual o curso que estás a frequentar? \_\_\_\_\_
5. Além de ti, quantas pessoas fazem parte do teu agregado familiar? \_\_\_\_\_
6. Caracterização familiar:

Pai/ Figura paterna	Mãe/ Figura materna
Idade: _____ anos	Idade: _____ anos
Profissão: _____	Profissão: _____
Habilitações literárias: 1.º ciclo <input type="checkbox"/> 2.º ciclo <input type="checkbox"/> 3.º ciclo <input type="checkbox"/> Curso Profissional <input type="checkbox"/> Ensino Secundário <input type="checkbox"/> Licenciatura <input type="checkbox"/> Mestrado <input type="checkbox"/> Doutoramento <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Qual: _____	Habilitações literárias: 1.º ciclo <input type="checkbox"/> 2.º ciclo <input type="checkbox"/> 3.º ciclo <input type="checkbox"/> Curso Profissional <input type="checkbox"/> Ensino Secundário <input type="checkbox"/> Licenciatura <input type="checkbox"/> Mestrado <input type="checkbox"/> Doutoramento <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Qual: _____

7. Em média, quantas horas por semana dependes na internet?  
 1 a 4 horas     5 a 8 horas     9 a 12 horas     13 a 16 horas     acima de 17 horas

8. O que costumava fazer na internet?

<input type="checkbox"/> Informação (ex., ler notícias)
<input type="checkbox"/> Entretenimento (ex., netflix, jogos online, youtube)
<input type="checkbox"/> Pesquisas acadêmicas
<input type="checkbox"/> Redes sociais
<input type="checkbox"/> Outros: _____

**Anexo B. Consentimento informado**

### Consentimento informado

Nós, Ana Ribeiro e Ana Pontes, gostaríamos de convidá-lo/a a participar na investigação que estamos a desenvolver para a nossa dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação no Instituto Universitário da Maia – ISMAI, a qual está sob a orientação da Prof. Prof. Doutor Francisco Machado e a co-orientação da Doutora Carla Peixoto e Melo de Carvalho. Esta investigação tem como destinatários/as **alunos a frequentar o ensino secundário e o ensino superior**, tendo por objetivo explorar **fatores pessoais (sensibilidade à rejeição baseada na aparência, solidão) e interpessoais (qualidade da relação com os pais) associados ao uso da internet.**

Solicitamos, assim, que dispense alguns minutos do seu tempo para responder a um conjunto de questões relacionadas com a temática em estudo, realçando desde já que a sua participação é essencial. A sua participação é totalmente voluntária e livre de custos ou prejuízos, sendo assegurada a confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos, os quais serão utilizados unicamente para fins de investigação. Está previsto que o preenchimento deste questionário não ocupe mais do que **15 minutos**. A equipa de investigação coloca-se à sua disposição para eventuais esclarecimentos através dos seguintes endereços de e-mail:

[filipaa.ribeiro@gmail.com](mailto:filipaa.ribeiro@gmail.com) ou [anaritagp05@gmail.com](mailto:anaritagp05@gmail.com)

<p><b>Ao prosseguires, declaras que és aluno do ensino secundário ou do ensino superior, que leste e compreendeste a informação anteriormente apresentada, aceitando colaborar livre e voluntariamente nesta investigação. Declaro que li e compreendi o consentimento informado e sei que posso desistir a qualquer momento.</b></p>	SIM
	NÃO

BONUM STUDIUM

